

LUIZINHA

PERFIL LITERÁRIO
DE JOSÉ DE ALENCAR

LUIZINHA

T. A. ARARIPE JUNIOR

LUIZINHA

ROMANCE DE COSTUMES CEARENSES



RIO DE JANEIRO

Typ.—VERA-CRUZ — Rua da Misericórdia n. 37.

I / A NÁIADE

A LAGOA DE JASSANAÚ resplandecia em todo o seu brilho tropical. O inverno começava. Os cajueiros enchiam-se de flores, os ipês arriavam-se dos seus festões amarelos e as carnaubeiras, erguendo-se louças, faziam realçar entre as mais árvores o seu viço e a sua riqueza: dir-se-iam, as rainhas do reino vegetal. Um perfume ignoto difundia-se pela atmosfera, a frescura das águas, adormecidas em seus naturais repositórios, comunicava-se ao ar embalsamado. Convidadas por tamanhas delícias as aves começavam a percorrer o espaço povoando a solidão de um harmônico ruidar que aprazia ao coração.

Tudo ria-se no meio dessa natureza virgem e deslumbrante. O dia ia amanhecendo.

Quando os primeiros raios do sol enfiaram pelo folhiço espesso das moitas de cajueiro, por entre os galhos mostrou-se um rosto formoso de menina, que ainda com os olhos enlanguescidos pelo sono, banhava as faces nas dulcíssimas águas da lagoa.

Era a primeira criatura que naquela mansão angélica saudava o nascer do astro rei.

Raiava um formoso domingo. Neste dia os homens do campo costumam acordar um pouco mais tarde. Justamente porém por ser assim era que ela erguia-se tão matinal.

Não há quem possa descrever o que é para uma moça essa misteriosa transição da infância para a idade adulta, quando, com a vida em botão, experimenta os primeiros estremecimentos, que vão desprender-lhe as pétalas cor-de-rosa que o tempo se encarregará de desfolhar uma a uma.

Seu coração palpitava como assustado, e os lábios, uma vez por outra, traíam um sorriso de íntima satisfação. Estas contradições não significavam talvez outra coisa senão que um grande desejo estaria em véspera de ser satisfeito, e um segredo próximo de fazer explosão.

Haviam-lhe soado aos ouvidos em um dos serões passados palavras de um encanto indizível. Falara-se por acaso em levá-la à

festa na vila. Anelos há muito tempo comprimidos pela primeira vez iam encontrar uma válvula. Para uma criaturinha como ela, criada entre arvoredos, sem nunca ter pisado em povoado, é fácil imaginar de quanto valor não deviam ser semelhantes esperanças. Estremecia de prazer imenso; e como não assim, se lhe iam desvendar um mundo desconhecido? Mil idéias extravagantes já lhe tinham perturbado o sono da inocência. Concebendo uma vaga idéia do que poderia ser — a vila — apenas sabendo que existia uma coisa por este nome conhecida pelas imperfeitas relações dos comboieiros que atravessavam a estrada, a pobre menina entregara-se durante toda a noite aos mais brilhantes sonhos.

Mal sabia, coitadinha! quanto não ia já de traiçoeiras sugestões do mau espírito nestes haustos febricitantes! Deixar a obscuridade do recinto em que nascera; preferir aos recessos da lagoa, onde vira a luz do dia, o quê?... O mal, a perversão, um louco burburinho!

Luizinha aspirava...

Seus olhos tinham-se tornado vermelhos pela reação produzida pelas águas enregeladas; as rubicundas mãozinhas afagavam as macias e morenas faces, comprimiam os lábios rosados, e, arregaçando as mangas do cabeçozinho, mostravam os mais bem contornados braços que a exímio artista já foi dado esculpir. Na imprudência do arregaçamento surgia um seio túmido e perfumoso capaz de enlouquecer o mais casto José.

Mirou-se depois por mais de uma vez na linfa pura enamorando-se das próprias perfeições, e, porventura não contente de si, endireitou o talho do cabeção, tornando a olhar-se; rendida então à própria formosura, sorriu-se para o líquido espelho fazendo um gesto de quem não queria acreditar naquilo que seus olhos todos os dias ali testemunhavam.

Uma graça irresistível manifestava-se em seus meneios.

O cristal das águas estava de um brilho fascinante. Há na limpidez das fontes e dos regatos promessas de deleites, contra as quais não é possível reagir. Luizinha, erguendo-se da parcial ablução, sentiu um desejo extraordinário de atirar-se ali. Quis sair, e, do mesmo modo que uma criança, a quem mostrassem por negaça um lindo brinquedo pelo qual estivesse a arder de cobiça, murmurou consigo: Nem me tenta!

Mas não chegou a afastar-se quatro passos; voltou de súbito, em um só movimento sacou a roupa, e, mais ligeira do que o raio, sumindo o corpo nas águas, foi aparecer adiante boiando como uma náíade a desembaraçar os negros cabelos.

Rompendo o espaço que a separava do líquido elemento deixara apenas o rasto como de uma visão em noite serena. Os olhos ávidos que porventura a espreitassem mal teriam tido tempo de

abranger-lhe as formas esbeltas que se desnudavam dos incômodos adornos para envolver-se no refrigerante lençol.

Por alguns instantes esteve a feiticeira a revoltear à tona d'água, não se cansando de flagelar a onda cristalina que agora ligeiramente esfolhada osculava o gentil corpinho confiado às suas blandícias. Ora deixava-se ir levando docemente pelo vento que riçava a face da lagoa: ora mergulhava qual astuciosa precapara fugindo ao caçador; ora finalmente propulsava o braço ágil, e, em um nado ondulante e grácil, ia tomar pé a outra margem da lagoa. Seu pensamento infantil, distraído um pouco pelos aprazimentos do banho e daquela natureza tão risonha, afastara-se momentaneamente das suas anteriores preocupações.

Um incidente, porém, veio de repente avivar-lhe os anelos que tinham de animá-la por todo aquele dia. O folhiço de uma moita próxima estremecera. A menina assustada volveu-se e viu esgalhos de um pequeno cajueiro ainda com as vibrações que lhes imprimira quem quer que por ali passara.

O pudor da donzela confrangeu-se. Luizinha procurou esconder o corpo por detrás das ervas aquáticas que sobrenadavam impedidas pelo vento, e seu olhar circunvagou espantadiço. Ao mesmo tempo souu-lhe aos ouvidos uma voz chamando-a do lado oposto. Seus olhos rutilaram e o coração arfou.

— Minha mãe! murmurou ela.

E, pouco a pouco, insinuando-se por entre as ninféas, foi-se aproximando do lugar de onde saíra.

II / UM PAR DE GALHETAS

A VOZ QUE DESPERTARA a náíade tinha partido de uma casinha, que, cercada de carnaubeiras, mirava-se à beira das águas puras resplandecentes da lagoa.

Não passava de uma locanda simples, sem coisa que porventura a diferenciasse à primeira vista das mais habitações existentes em roda; era contudo para ver-se a delicada estrutura e o primor com que o artista agreste soubera combinar a arquitetura da morada do pobre com as poéticas harmonias do desenho o mais cheio de ideal.

Era de palha a ridente habitação. Duas janelinhas e uma porta de frente, precedidas de um copiar por cujas colunas de aroeira se trepavam as hastes e flores roxas do maracujá: um alpendre no fundo acompanhado de um puxado: agora ao lado um impro-

visado jardimzito, onde as débeis mãos de Luizinha haviam plantado alguns pés de manjerição e resedá e duas ou três roseiras; mais adiante um cercado de ovelhas; do outro lado o das plantações de milho e mandioca, e afinal a choça do *Caitetu*: encastoe-se tudo isto na mais alegre e pitoresca das vargens e ter-se-á a cópia fiel do sítio onde se verão desenrolar as cenas mais importantes desta história.

Fora do copiar que a mãe de Luizinha gritava instantemente por ela.

Naquele dia, não sei se pela fadiga causada pelo trabalho da semana ou se por ter-se prolongado o serão até tarde, o que é certo é que o repouso da velha estendera-se muito além das horas costumeiras.

Despertando, o seu primeiro cuidado fora procurar a menina que agasalhava-se em um quarto contíguo ao seu. Também a casa nos compartimentos não era tão pródiga que pudesse oferecer grandes cômodos aos seus habitantes. Além do aposento de Luizinha, em que apenas se encontrava uma redezinha tecida do mais cândido algodão colhido por suas próprias mãos, uma caixa de pinho cheia de desenhos que lhe fizera um primo de Tapiri, um pequeno oratório pendurado ao canto da parede, cujo embuço cobria-se de flores secas, existia mais na habitação uma sala na frente com duas tipóias para os hóspedes e o quarto onde dormiam os velhos donos da casa.

Não encontrando a filha, a velha não pôde conter um gesto de enfado e passou ao alpendre, onde junto a uma trempe de pedras, entre as quais fumegava uma panela, encontrou o companheiro de sua vida, seu amigo de vinte anos, que ali estava desperto a saborear as acres emanações do petum¹. Era um homem de seus quarenta e cinco para cinquenta anos, mas ainda forte, robusto e sempre disposto para o trabalho.

Mal viu a mulher soltou uma gargalhada gostosa, e, chegando-se a ela todo catita, sentou-lhe uma palmada nos quadris. A amabilidade foi recebida de mau humor.

— Arre lá! exclamou ela. Nem todo o dia se está para folguedos.

— Olá! replicou o velho procurando em amplexo inequívoco relembrar as pacholices de antigos tempos. Nosso Senhor te valha, que hoje amanheceste muito arisca. Que pecados!...

— Arrede-se, Francisco, tornou a mulher, arrefestelada com a injúria que se tentava irrogar a sua decrepitude em perspectiva.

¹ Variante típica de tabaco, fumo.

— Veja a quem faz suas gatimônias. Melhor seria que fosse correr os rosários de Frei Vidal² que o cansaço não dá mais para outra coisa.

— Nanja eu! Lá isto não! Os cinquenta que tenho no cachaço não me botaram ainda mato abaixo.

— Ora Deus! chetas não lhe faltam. Com toda esta valentia qual foi a qualidade de respeito que já lhe teve sua filha? Deus me livrasse que, tendo eu calças, não fizesse tudo andar aqui num cinzeiro.

— Ai! ai! ai! já vejo onde vai bater o negócio. Mas... velha dos meus pecados, que culpa tenho eu do mau costume que das à rapariga!

— Hem!? gritou então Germana, pondo as mãos nos quadris e investindo arrebitada para o marido. Outro dia... hem! Porque tal, sim senhor... Aqui não é casa de Gonçalo...³ É hoje?... hem?... Ora diga lá que você o que é... é um... não sei mesmo que diga...

— Germana!

— Não tem o que responder!...

— Germana! Estás ouvindo?

— É o que lhe digo: não torço diante de ninguém.

— Mau! mau! Esta mulher está hoje de cafiroto⁴ aceso. Mulher, sabes que mais?...

— Não tem mais nem menos! O que você devia tratar era de fazer-se um pouco mais duro com sua filha. O que quer dizer uma moça pôr-se fora de casa ainda com escuro?

— Está bem; isto é outro cantar. Venha por aí. Dar-se-á o caso de que a marrequinha me ande batendo a pedra a algum malandro?

— A estas horas! O que dirá o João do Camocim quando lhe meterem nos ouvidos estas artes? Pois este é o procedimento de uma moça que vai casar?

— Lá isto é verdade. E se o marreco nos vem torcer a venta? É uma dos diabos.

Nisto Francisco pôs a mão sobre a testa como para ver em que altura ia o sol e tornou:

— Mas, filha de Deus, parece-me que ainda não passam de sete horas...

² Expressão popular, relativa a cerimônias católicas em torno das famosas missões de Frei Vidal, missionário que, por longo tempo, peregrinou pelo alto sertão nordestino, sobretudo no Ceará.

³ Expressão do domínio doméstico popular, correspondente à atual "casa de Noca".

⁴ A palavra, que não encontramos a não ser no novo Dicionário Aurélio, aparece, tal como está no texto de Araripe, ou seja: de *cafiroto às avessas*.

— Sete horas! hem? retrucou Germana enfurecida. Olhe que sempre há de estar este homem pronto para opor-se às minhas razões! Que me importa que o dia já esteja alto? Porventura não terei ouvidos? Não a senti abrir a porta ainda quando escuro?

— E por que então não te levantaste para impedir que ela saísse?

Apanhada em flagrante contradição, a velha chegou ao auge do enfurecimento. Procurou esmagar o seu contraditor com um olhar de cascavel preñado de terríveis ameaças, e, não encontrando outra válvula ao seu desapontamento, resmungou meia dúzia de pragas, que o pobre homem contentou-se em escutar sorvendo as fumaças do cachimbo.

— Isto não é coisa que se ature! Eu sei como se hão de acabar as caraminholas que estão lhe pondo nos miolos...

Rematando por estas terríveis expressões a sua perlenga, Germana avançou para o copiar com voz de estentor, gritou para a lagoa, que três vezes ecoou ao nome de Luizinha.

III / SUSTOS

ATEMORIZADA pela entonação da voz materna, em cujas ondulações se acostumara desde pequena a perceber o mais recôndito pensamento, a menina escondeu-se por detrás de uma moita de carnaubeiras novas para tomar as roupas imprudentemente abandonadas, e pôs-se a escutar. O semblante há pouco tão rubicundo tinha-se-lhe tornado de uma palidez cadavérica; o corpo a tiritar de frio ainda mais aumentava-lhe a angústia.

— Para que fui me banhar! — murmurava ela desembaraçando os cabelos com um desgarro e rapidez indescritíveis e envolvendo-se na rendada camisinha de madapolão.

Ao mesmo tempo ouvia-se a detonação de uma arma de fogo seguida logo dos guinchos doridos como se um animalzinho que houvesse sido ferido. Passado o primeiro sobressalto produzido pelo tiro, ela olhou e notou que uns flocos de fumo se desprendiam de uma das moitas. Imediatamente um sagüi, saltando de carnaubeira em carnaubeira, e, soltando gritos dilacerantes, veio abrigar-se a seu lado.

O coração agitou-se-lhe, e, divisando o vulto do amigo e companheiro de suas horas de tristeza, não pôde conter um gemido.

— Mico! Mico! Meu micozinho!

O sagüi, percebendo a voz conhecida que o animava, saltara da última palha, onde se acoitara, para cair sobre o ombro da sua senhora, que o recebeu em lágrimas e encheu-o de mil carícias.

— O que foi isto? dizia ela apinhando os lábios e ameigando a voz como se o bruto a compreendesse.

— Quem foi, meu amor?... quem foi que te atirou?... Ai! coitado do miquinho... coitadinho...

E, ao passo que o cobria de beijos, examinava-lhe a ferida. Felizmente o chumbo não atingira senão uma das orelhas, deixando assim de interessar algum órgão de onde pudesse originar-se a morte. Verificando isto, seus olhos recobriram o primitivo fulgor, e, despindo-se do pranto, por entre as pérolas líquidas, que ainda rolavam-lhe pelas faces, a feiticeira fez despontar um sorriso de primavera.

Era uma criança Luizinha, uma alma infantil em um esbelto corpo de mulher!

Entretanto não pôde ela conhecer o perverso que assim vinha causar-lhe uma tão dolorosa impressão. Talvez fosse algum coração maligno e ocioso que se aprazia na destruição das inofensivas criaturinhas do bom Deus.

Ainda um tanto abalada pelo desastre de que quase ia sendo vítima o seu feitiço, deixou a moita, e, acalentando o sagüi que se acoitara no encontro dos seus seios palpitantes, promoveu o passo para a casinha de palha.

Um estrupido produzido pelo galopar de um cavalo fez-se então ouvir pelo prado. A menina volveu o rosto e viu afastar-se pela longa estrada de Maranguape um elegante cavaleiro que levava uma clavina ao ombro. Não fora outro o autor do ferimento do mico.

Um esconjuro expressivo saía-lhe dos lábios rubicundos, quando assomou perto dela o vulto azoinado de Germana. A decepção transformada em raiva, concentrada por todo o tempo durante o qual a travessa hesitara em acudir ao chamado, afinal fez explosão, e a velha, cuja maior virtude não era por certo a prudência, prorrompeu em um esbravejar, que nunca mais se acabaria se o bom do Francisco não aparecesse no terreiro.

— Olhem a sonsa! Isto tem jeito! Onde já se viu tamanho desaforo! Era só o que eu queria que me dissessem... Chega... anda... anda para aqui, arrenegada; que não sei onde estou que não... Ah! se eu fosse homem!... Pensa então que por estar para casar já não tem mãe em casa! Está muito enganada... Enquanto o tal do João não tirá-la daqui há de me andar muito direita

e caladinha. Eu quando digo que este meu homem não passa de um panema?⁵

E de um lado para outro, ora batendo com o punho sobre a palma da mão, ora nas coxias e nos portais, fazia um barulho de tremer terra e céus.

Francisco, que bem sabia o que eram raparigas, passado o primeiro pasmo, cedendo ao feitiço dos olhos da menina, não pôde conter um gesto de impaciência, e por um triz não se traiu rindo dos destemperos da mulher...

— Mamãe! disse afinal a menina toda trêmula. O que foi que fiz para vossa mercê estar assim a me xingar?⁶

— Xingar! rugiu a velha; xingar? Ora vocês não estão vendo?! Ainda a santinha me pergunta o que foi que fez! E o João quando souber disto o que há de pensar? Responda... ande se me faz favor...

— Mas eu não estava fazendo nada de mais; tinha ido me lavar...

— Ai! gentes! quem visse esse bioco de sonsa pensaria que era uma Nossa Senhora! Ah! se chego a descobrir tafularia!...

— Não eram horas, não, mamãe; mas eu lhe conto. Perdi o sono e por isso foi que me levantei logo para ver se assim refrescava o rosto, que me ardia como fogo vivo.

— Pieguices não lhe faltam! repetiu Francisco que já não se podia mais conter diante de tão burlesca cena. Vai batendo por aí, filhinha de minha vida.

— Ora suma-se, retorqui-lhe Germana. Está porque esta tola não me tem respeito algum. Mas... passa para aqui endiabrada — continuou dirigindo-se à filha, e fazendo menção de puxar-lhe as orelhas — passa para dentro já. Agora quero ver se me aparecem moços bonitos caçando de manhã pela lagoa. E se és gente, Zinha, põe o pé fora daqui sem minha licença! Parece que já se lhe arredaram os miolos do lugar só com a idéia da festa, como se não bastasse pensar nos amarradinhos! Isto é coisa que se ature? Pois olha, põe-te com muitos dengues que o castigo é não ires à vila. Hem! Resmungas. Ai! ai! ai! já sei o que tu queres.

— Eu não, mamãe, soluçou a menina disparando em choro. — Quem foi que disse que eu estava resmungando?

— Chore como quiser; e dê no que der, hei de pôr-lhe sizo. Não há domingo para quem anda com o juízo à mostra.

⁵ Do tupi. Significa infeliz na caça, sem iniciativa.

⁶ A palavra é oriunda do quimbundo *kuxinga*, que significa agravar outro com descomposturas.

Luizinha sabia bem de que natureza eram os castigos que lhe costumava impor a mãe. Com o coração constrangido, para não deixar de obedecer-lhe, enfiou os mimosos pés nos tamanquinhos de marroquim, e, banhada em lágrimas, entrou para o quarto em busca da almofada de rendas.⁷

IV / CISMAS

AS GROSSEIRAS EXPRESSÕES da velha haviam produzido na menina uma impressão quase impossível de traduzir-se. As lágrimas rompiam-lhe em borbotões, e faziam transluzir nos seus olhos mimosos as angústias de um coração ainda hóspede às verdadeiras misérias deste mundo. As agruras do gênio atrabiliário da mãe, que aliás a adorava, mas com a rusticidade de certos bonzos que dilaceram as próprias carnes julgando ir nisto a maior soma imaginável de felicidade; as asperezas daquela índole malcontida, daquela natureza selvagem, traziam freqüentemente à Luizinha decepções que a prostravam por instantes. Seu peito confrangia-se dolorosamente, e, na ausência de um critério que a idade não lhe podia ainda dar, chegava a ter momentos em que se lhe tornava impossível conter movimentos de repulsão pela autora de seus dias. Um cruel anseio a devorava, mostrando-se-lhe a furto mundos desconhecidos, onde se lhe deparavam felicidades inexprimíveis.

Se ela pudesse ser livre! Voar! Voar!

Nestas sugestões do espírito maléfico se embaía sua alma, e sua imaginação dilatava-se pelas regiões da fantasia.

Deve-se acrescentar que no meio destes fugitivos quadros se destacava um vulto que a fascinava. Por toda a parte sua alma impressionada buscava reunir as feições de uma entidade misteriosa que em sonhos se lhe afigurava dominando sua mente enfraquecida. Era a recordação de uma criança simpática que atravessara um dia os plainos da lagoa transformado em gentil cavaleiro.

A melancólica expressão de um rosto de mancebo, onde apenas despontava um buço sedutor, entretecia-se a cada passo com as ilusões que lhe inspirava o anjo dos tristes.

Isto tudo porém sugeria-se em seu espírito de um modo tão confuso, tão vago, que a si mesmo ela não saberia definir o que no cérebro e no seu coração se passava.

⁷ Trata-se, no caso, da tradicional almofada sobre a qual as mulheres nortistas, em especial as do Ceará, através do jogo hábil dos bilros, tecem, sobre desenho em papelão, utilizando espinhos de mandacaru, lindas rendas.

O que significavam afinal essas sensações e anseios reduplicantes?! Dislates de uma imaginação infantil comprimida em horizontes acanhados; elances de um espírito ao alvorecer; — pruridos de um organismo que se antecipava ao natural desenvolvimento da causa que o rege!⁸

Luizinha era moça e não o era ao mesmo tempo. A harmonia entre a matéria e a substância imaterial ainda não se tinha completado.

Estes deslumbramentos, contudo, não eram duradouros; faziam-se intermitentes. Passavam como o raio, e a inocência repousava de novo nas alfombras esplêndidas do mundo brilhante dos amores. Sua cabeça declinava para o seio e as lágrimas rolavam-lhe pelas faces mimosas. Vinham-lhe então uns estremecimentos espasmódicos que logo depois mudavam-se em manifestações de hilaridade. Ria-se, ria-se: transposta a crise, consolava-se, acabando por pedir a Deus perdão dos maus pensamentos que a afastavam da mãe.

Quase sempre estas sobreexcitações apareciam-lhe quando o aspérrimo gênio de Germana a torturava pelo modo que vimos.

Entrando para o quarto, vítima de um destes acessos, mal teve ânimo para pensar o ferimento do mico e envolvê-lo na redezinha que pendia amarrada aos pés de um banco, onde o animal acostumara-se a conservar-se com uma paciência admirável durante todo o tempo que sua senhora queria. Confidente único de suas penas, em sua ingenuidade, a menina na ausência de uma amiga de igual idade, em quem derramasse o pranto, aprazia-se confiando ao irracional, incapaz de retribuir afagos, os segredos do coração. Ao menos ia-lhe nisto um conforto; levando horas e horas a entreter-se com o brutozinho, o que era verdade é que assim os pesares a pouco e pouco iam-se dissipando, e o espírito remontava-se para as regiões da infantil e dourada fantasia.

Acomodado o sagüi na pequena tipóia, sentou-se ela na rede e com a cabeça entre as mãos entregou-se a um destes arrastamentos⁹ descritos.

Parecia-lhe, no vacilar da razão atropelada pela lembrança fresca dos maus-tratos por que passara, que só havia uma coisa de real: era que sua mãe não a estimava.

— Mas não dizem todos que eu sou tão boa, tão branda, tão dócil, tão obediente?! Por que razão não lhe mereço uma carícia, um afago, uma palavra de ternura ao menos?

⁸ Malgrado a atmosfera romântica, a última parte deste lance revela o cientificismo naturalista.

⁹ Preciosismo arcaizante. Substantivação do verbo *arrastrar* (de rastro, com o prefixo *a* e a terminação *ar*, segundo Frei Domingos Vieira em seu *Grande dicionário português*, Porto, 1871.

Mil queixumes tumultuaram-lhe no peito; e, no meio da confusão que a atordoava, via que todos a aplaudiam, todos a louvavam e só sua mãe não a animava, só Germana calcava-lhe o espinho do desprezo.

Infeliz Luizinha!

Como adivinharias o que se passava nas entranhas daquela que te dera o ser, se uma crosta horrível ocultava à tua candura a realidade.

Alguns minutos assim decorreram sem que ela notasse que novos motivos de tempestade já se estavam formando no ânimo da velha.

Germana gostava de ser obedecida incontinenti; passeando inquieta no terreiro de um lado para outro, já um pé de couve, um algodoeiro e um mísero quiabeiro tinham sido vítimas de seu mau humor, e, como não pudesse descarregá-lo no objeto que a irritava, vingava-se nas inofensivas plantas, quebrando, machucando e levando tudo a pés. Tossiu, gritou com os porcos que fossavam em umas beldroegas, mandou amarrar as cabras que berravam no cercado, pregou uma descompostura no Francisco que empenhado em distrações domingueiras aparava uns palitos de coqueiro, e, afinal, vendo que o dia não amanhecera bom para brigas, bradou para dentro com voz aflautada:

— Zinha!

A menina imediatamente apareceu na porta.

V / O BRUXO

OS OLHOS ARRASADOS DE LÁGRIMAS da Luizinha e a sua resignação evangélica foram bastantes para aplacar as iras da velha, que de todo dissiparam-se apenas a pequena foi assentar-se no fundo do copiar para dar começo à tarefa.

Passando por defronte do pai Luizinha parou, e dirigiu-lhe uns olhos tão cheios de piedade, que o velho quase se levantou para opor-se àquele ato de revoltante injustiça; mas, coitado, faltou-lhe a coragem: o mais que fez foi espirrar, coçar-se e suspender o cós da calçola. Disfarçando o pensamento fingiu não ter entendido; a filha, porém, não trepidou em despertá-lo da cavilosa preocupação. Inútil experiência! Pai e filha, tanto um como outro impotentes ante as exacerbações da virago,¹⁰ ficaram a olhar-se por

¹⁰ Tratando-se de palavra dia a dia menos empregada, explique-se: *virago*, ao tempo, era chamada a mulher masculinizada; *machão*.

algum tempo, como se assim conseguissem conjurar as tormentas que freqüentemente desabavam sobre ambos. O velho, portanto, não se moveu. Bastavam os afagos que seu gênio completamente diverso da mulher dispensava à menina.

Tão débil quanto trabalhador, tão disposto quanto submisso, o pobre homem teria sido um seguro protetor, se um bem fundado receio não o contivesse em respeitosa distância, logo que se tratava de um capricho de sua Eva. Não era isto sem razão. Diziam as más línguas dos vizinhos que não raras vezes sentia ele a opinião da mulher positivar-se, como diria o nunca assaz chorado Gregório de Matos, em

...sola de fá bordão
Pelo compasso da mão,

rigores estes a que o maricas, a avaliar pelas glosas mais correntes, com irrepreensível prudência se submetia, escondendo assim às vistas profanas sua vergonha e não deixando que essas pequenas misérias viessem a ser o pratinho dos maldizentes. Isto, porém, não era razão para que o nosso João de boa alma deixasse de encarecer as excelências da companheira, o que ainda mais dava realce às virtudes domésticas que adornavam sua pessoa. Facilmente compreendera os altos e baixos do caráter da mulher, e convencera-se que com pachorra e couro grosso tudo se consegue na santa paz do Senhor.

Oxalá que este exemplo fosse mais freqüentemente imitado!

— Papai! exclamou Luizinha. Não vê a filhinha?

— Deus te abençoe, menina, respondeu ele erguendo a cabeça e encolhendo os ombros. Que te hei de fazer, se tua mãe amanheceu hoje com o sangue queimado? Não a inquizes mais que é melhor; aquilo é pior do que porco queixada! quando se lhe deu de virar a cabeça para um lado, acabou-se.

— Ai! Jesus! Bem triste é viver deste modo!

— Consola-te, tola.

De enternecido Francisco quase dá um golpe de estado. O coração cresceu, mas o temor voltando evitou o ruje-ruje, do qual por certo não seria ele quem sairia cantando vitória.

Com tal padeira de Aljubarrota não havia o que fiar. A meia voz, porém, foi tomando o seu desabafo costumeiro.

— Não é coisa que se ature! Um dia é um dia!... Boto-me a perder ainda uma vez! Ora Deus... o homem nasceu para a desgraça. E vira daqui e vira dacolá, o que é certo é que isto já me vai cheirando a casa de Gonçalo. Um dia é um dia!...

Inania verba!

Triste do Papara se a metade das suas bazófias tivessem chegado aos ouvidos da cara consorte.

Reparando da porta que pai e filha murmuravam, e naturalmente adivinhando que ali contra a sua prepotência conspirava-se, Germana soltou um grito esganiçado, que fez a menina estremecer até a medula e obrigou-a a tomar caminho. Com o coração esmagado, a pobrezinha sentou-se e começou a tarefa. Um véu de tristeza desceu sobre sua alma e as lágrimas de novo inundaram-lhe o rosto formoso.

Foi então que a assaltaram com maior intensidade as saudades de certos tempos passados entre os folgares da infância. Lembrou-se de uma época feliz em que o velho Papara e Germana eram lavradores nas terras de um laborioso proprietário que morava nas vizinhanças da lagoa. A família desse homem tinha-lhe durante a infância dispensado carícias que nunca mais se renovaram, e, não era sem pena que ela se recordava dessas excelentes criaturas, que se tinham ausentado, levando para sempre em sua companhia uma linda criança travessa e inteligente, que era o encanto e constante assunto dos seus folguedos. Malfadadas recordações!

Quão diferente se mostrava para aquela alma, só criada para as blandícias, um dia que amanhecera tão alegre e cheio de sedução?! Olhava então para as árvores e palmeiras que bordavam o caminho e essa natureza há pouco tão garrida e louçã, longe de comunicar-lhe gratas sensações, transformava-se em uma repercussão do profundo desconsolo que lavrava-lhe o coração.

Mistérios insondáveis da criação! Há por aí aprazimentos indizíveis a traduzirem sempre o que existe de multiforme nesse cenário imenso do universo. Reflexo da existência íntima, símbolo da grandeza por excelência que repousa na imensidade, a natureza não é o que é, senão o que desperta nesse sublime sacrário que se oculta sob a crosta das imperfeições humanas.

Um murmurejar melancólico feriu-lhe os ouvidos. De uma moita partiam os gemidos de uma rola que, talvez isolada em seu ninho, acordava os ecos, avisando o fiel companheiro que buscava o cibo¹¹ para a prole implume. Doeram-lhe n'alma essas notas como punhais cravados sem piedade nas entranhas.

Aprazia-lhe comparar os sofrimentos da avezinha aflita com as próprias mágoas. Esta lamentava o afastamento do esposo: ela pranteava o desamparo de um coração que palpitava por doçuras que ninguém senão uma criança, cuja reminiscência se lhe avivava agora, soubera despertar.

¹¹ A palavra *cibo* está hoje completamente em desuso. É de origem latina e significa pouca quantidade de alimentos, especialmente de aves.

Por uma estranha associação de idéias lembrou-se naquele momento do seu próximo casamento e uma inspiração súbita como o raio penetrou-lhe no espírito.

Ela, que sempre encarara esse ato com o maior indiferentismo, que ao noivo ligara tanta importância como ao cabeção de labirinto que lhe haviam prometido, ou à miçanga que o *carcamano* lhe vendera, sentiu vibrarem as mais recônditas cordas do peito, e pela primeira vez estremeceu ante a idéia de uma união. Apareceu-lhe a oculta aresta do abismo!

O que lhe pretendia aquele homem grosseiro, a quem sua mãe dava o nome de seu noivo?

Desfiando aljôfares sobre a almofada, curvou a cabeça sobre o papelão, e, trocando automaticamente os bilros, foi acentuando com o alfinete a renda aqui e ali nos pontos que seus mimosos dedos iam formando.

A vivenda tornara-se silenciosa. Francisco, tendo tomado os melhores trajos, saíra a dar o seu giro domingueiro, e a velha infatigável por outro lado embarafustava de casa em casa dando à taramela, indagando quem era o pimpão, que em um dia como aquele vinha incomodar com tiros os moradores de Jassanaú.

Achando-se só, Luizinha suspirou como se de cima lhe tirassem um peso enorme.

Não tardou que o mato fronteiro se abrisse, e assomasse o vulto sombrio de um velho de raça indígena, que, desferindo dos lábios um sóido particular, aproximou-se sorrateiramente.

Luizinha sobressaltou-se; mas logo tranqüilizando-se como se a aparição lhe fosse familiar, olhou em torno de si, ergueu-se depois, e fez-lhe um sinal de inteligência.

— Toma; disse o velho, revestindo-se de uns ares de mistério. Bota isto ao pescoço, reza todas as noites o *Padre-Nosso* às avessas e tem fé, que nunca mais te hás de queixar dos males que te perseguem. Germana se esquecerá de ti por uma vez, e os sonhos maus irão para a tapera do diabo.

E, ato contínuo, tirando de sob a baeta esfarrapada, que lhe cobria os membros, umas tiras de pano bolorento, das quais pendiam uns patuás de cor problemática, pôs-lhos aos ombros à guisa de um tosão, murmurando orações.

A menina crente e tímida aceitou a oferenda com riso mal disfarçado.

— O que for teu, continuou o bruxo com voz rouquenha, a tuas mãos há de vir. A visão se tornará para ti em felicidade; contanto que tenhas confiança no poder do Tatu...

Proferindo estas palavras, o homem da baeta calou-se, não concluindo o que ia dizer, o que lançou Luizinha em profundo cismar.

Um ruído de passos se fez ouvir sobre as folhas secas, e, pelo mesmo lugar por onde surgira o bruxo, mostrou-se a figura de um desses tipos agrestes de espadachins, que a cada passo e por dá cá aquela palha, estão a coser a barriga do próximo com uma dúzia de tacadas.

A mesma, descobrindo-o, deu um grito e retraiu-se. O recém-chegado mediu de alto a baixo o feiticeiro, e, depois, dando de garra ao resto de bruxarias que este ainda conservava nas mãos, com um movimento brusco arrancou-as e atirou-as no mato.

— Desgraçado! olha para ti e para as tuas feitiçarias, exclamou ele, espalmando uma grande faca de Pasmado.¹² Continua a enganar a pobrezinha, como tens feito a mim, e verás que comprimento tem esta companheira infalível.

Em um salto o velho tinha alcançado os cajueiros.

Luizinha soltou um gemido e caiu desfalecida nos braços do espadachim.

VI / O NOIVO

POR POUCOS INSTANTES durou o delíquio de Luizinha. Copioso suor lhe banhava as fontes; entre as sístoles e diástoles que lhe sublevavam o peito,^{12a} abriam-se seus delgados lábios e davam passagem a um suspiro, em que parecia arrancar-se-lhe a alma toda. De repente seus olhos descerraram-se, voltando-lhe as cores naturais. Um gesto de aflição povoou-lhe o cândido semblante. O terror, o asco, um misto de receios e repugnâncias atrozes debuxou-se de um modo enérgico em sua eloqüente fisionomia.

Experimentando a pressão causada pelos braços felpudos, que a tinham anteparado na queda, e o hálito ardente do espadachim, que juntava o rosto ao seu, a menina tentou desvencilhar-se e empurrou para longe aquele peito hirsuto. De um salto então ganhou a relva, e como a caça esquiva, correndo, foi esconder-se dentro de casa.

O noivo, pois não era outro, assim repellido, conservou-se imóvel como uma estátua. A fixidez de seu olhar mal traía a vitalidade de quem naquele corpo possante respirava. A avaliar-se o íntimo de sua alma pelas rugas que sulcavam-lhe o rosto, uma grande

¹² Levavam tal nome famoso, no passado século, longas facas-punhais, de cabos ornamentados e de forte lâmina, especialidade de artesãos da cidade interiorana de Pernambuco — Pasmado. Hoje, é em Juazeiro do Norte, CE, que a indústria ganha foros de celebridade.

^{12a} A expressão é tipicamente de prosa naturalista...

tempestade se desencadeava ali. Os lábios tremiam e a grosseira face, riçada pela dilatação das narinas, provavelmente habituados como as do tigre às acres emanções do sangue, cobria-se de cadavérica lividez.

Não era sem razão que a menina sentira por ele tão pronunciada repulsão. Com efeito a catadura do novo personagem era de tão difícil acesso, que ninguém ao vê-lo pela primeira vez se eximiria a um involuntário estremecimento.

Cabeça enorme eriçada de cabelos encarapinhados, rosto chato e de um trigueiro carregado, onde sem equívoco se denunciava o cruzamento de três raças diversas; nariz deprimido; fossas temporais intumescidas; lábios arroxeados; olhos fulvos e quase encobertos pela carne que lhe caía das arcadas superciliares, como a fronte do jaguar: junte-se mais a isto uns toques satânicos, e ter-se-á a cópia mais exata da figura sinistra de João do Camocim.

Agora una-se a esse terrível aspecto o trajo de algodão tinto de coco que mal encobria-lhe o peito e o lado hercúleo, do qual pendia a façanhuda faca de ponta, ou antes a *língua de tatu*, como chamam em linguagem do mato o *fidus Achates* de que não prescinde nenhum destes assassinos, e estou certo que não haverá quem lance sobre a heroína desta inocente história a tacha de cavilosa.

Um rumor cavernoso rompera daquele peito enorme; seus passos vacilaram; o pé raivoso verberou o chão, e da boca borbotaram palavras desconexas.

— Sangue! sangue! sangue! bradou o curiboca. — Ai! Deus! que a idéia não se desprende da memória... Foge-me Luíza!... Foge-me... Luiz... Lui...

A voz sumiu-se-lhe na garganta como se um fluxo de sangue lhe houvesse inundado a cabeça; as pernas cambalearam e afinal as entranhas se convulsionaram para vomitar uma impreciação.

— Malditos! desgraçados dos que aqui vivem... se a Luiza me despreza! Infeliz de mim se o que a voz de dentro me diz vem um dia a suceder!...

Bem estranhos e contraditórios deveriam ser os sentimentos que se aninhavam naquela alma.

A ameaça chegara aos ouvidos da menina, e um grito partiu do interior da casa. A obsessão continuava; o amplexo feroz, em que fora envolvida como nos anéis repugnantes da jibóia, o calor do corpo nojento do curiboca¹³ o palpitar daquele coração de tigre haviam produzido na pobrezinha uma sensação de enojo impossível de descrever-se.

¹³ A palavra caiu em desuso. Correspondia ao tempo, à palavra hodierna — *caboclo*.

Entretanto tratava-se do seu noivo! Esse homem medonho muito em breve estaria a ela ligado por laços, que, segundo todos lhe afirmavam, só com a morte se dissolveriam.

Infeliz menina! Em tal momento a presença do escolhido de sua mãe tinha sido uma súbita revelação.

O colosso, que dantes atravessava por diante de seus olhos como uma figura sem importância, por encanto finalmente transformava-se em um monstro ascoroso que ameaçava devorar-lhe a existência e a felicidade. Pela primeira vez olhara Luizinha para João do Camocim com olhos do coração.

Este ato de repulsa lançara o curiboca em completo desespero. Um pensamento oculto ainda mais aumentava-lhe a tormenta do espírito. No cenho rudemente contraído traduzia-se uma mortificante preocupação; seus olhos giraram incertos nas órbitas arreixadas e a cabeça descaiu para o peito. Sentindo que as forças lhe faltavam, buscou uma pedra que jazia ao lado do caminho e aí deixou-se assentar quase sem sentidos.

O que a febre lhe representou aos olhos d'alma é coisa que não tentaremos descrever. Nessa posição permaneceu por muito tempo, completamente insensível ao que se volvia em torno. Quando ergueu-se, as pernas guiaram-no instintivamente pela vereda por onde fugira o velho bruxo.

Não encontrando logo o feiticeiro, o futuro genro do Papara pôs-se a divagar em torno da lagoa, sem achar coisa que o conseguisse distrair. Nem a caça que corria, nem as aves que chilreavam pelo topo das árvores, nem o vento que lhe refrigerava as faces, nada era capaz de desviar-lhe o curso das idéias.

Súbito ecoou por entre a ramagem o tropel de um cavalo. Despertando de seu atordoamento, João do Camocim pôs o ouvido atento; e, suspendendo o passo, procurou descobrir quem vinha para seu lado. Por um movimento que lhe era habitual, levou a mão ao cabo da faca.

O rumor aproximava-se, as pisadas do animal cada vez mais se amiudavam, e um vulto por fim passou com a rapidez do relâmpago.

— Ah! Luíza! pérfida! bradou ele lançando-se sobre os rastos da cavalgadura.

Nisto seus olhos rutilaram com um fogo sinistro. Através dos cajueiros vira do outro lado Luizinha acompanhar com a vista e cheia de curiosidade o cavaleiro. Seus pés então reduplicaram de velocidade; a boca espumava e a faca brilhava-lhe no punho erguido.

Um grito pungente estrondou; era a menina que presenciava tudo. O faquista atordoou-se com o brado e o cavaleiro teve tempo de ganhar a estrada a todo o galope.

VII / ONDE SE VÊ QUE A CURIOSIDADE NA MULHER É UM BICHO ROEDOR

HAVIA DIAS que uma coisa dava que pensar à filha do Papara: era um casebre, que, olhando-se pela vereda que da lagoa seguia para o lado da Aratanha, descortinava-se a umas duzentas braças de distância.

Quem quer que aí habitava tinha-se mudado há pouco tempo, e ela, atropelada pelas constantes exigências da mãe, não pudera conhecer os novos vizinhos. Além disto crescia que ela surpreendera por mais uma vez apear-se aí um moço que punha-se a conversar no meio de risadas e gracejos com uma mulher que aparecia à porta.

Estas visitas repetiam-se todas as tardes, e às vezes pela manhãzinha. Como era natural que acontecesse, Luizinha tratou de espreitar, e não tardou em descobrir que o desconhecido, lobrindo-a de longe, mostrava não ser-lhe indiferente, e que, em lugar de voltar pelo mesmo caminho, sempre achava um pretexto para dar uma volta pela lagoa, reparando a menina que, quando o cavaleiro confrontava-a, atirava-lhe uns olhares tão ardentes, que lhe penetravam até o fundo d'alma.

Uma irresistível curiosidade, acompanhada de inquietação, começou então a persegui-la. As tardes se aproximavam no meio de palpites, e seu coração só sentia alívio logo que via o formoso manco desfilando por entre as árvores, e em rápida carreira sumir-se no lado oposto da vargem.

Surpreendida pelos anseios que a sufocavam, apenas o moço encobria-se, quantas vezes não inqueria de si mesma o que significava aquilo! Ora, o coração se recusava a responder: e o resultado era esse mistério mergulhá-la em cismas que se desfaziam por fim em lágrimas.

Não raramente acontecia que entre esses pensamentos se insinuasse a imagem terrível do João do Camocim, e uma crispção apoderava-se de seu débil corpinho, que pendia desfalecido sobre a almofada, em que jaziam os dedos esquecidos da tarefa. Via de novo o curiboca precipitar-se de faca em punho para assassinar esse moço inofensivo, cogitações estas que faziam-na perder-se em mil conjecturas sobre o que podia haver de comum entre ela e essas duas criaturas.

Um dia, em que acordara cedo, olhando fixamente para a estrada, foi acometida por um invencível desejo de arrostar os furores da velha e penetrar no mistério que tanto a torturava.

Vacilava a pobrezinha: de um lado a mãe e de outro as promessas do bruxo aconselhando-lhe coragem; quando a esbelta figura do cavaleiro se mostrou no ponto do costume.

Dominada pela febre, a menina esqueceu-se de tudo. Francisco cozinhava uma grande bebedeira e Germana dormia a sono solto.

A semente estava plantada. Apenas via-o chegar à casinha de palha não pôde mais conter-se; correu por dentro do mato e foi se colocar defronte para observar o que se passava.

Há neste vale de lágrimas mulheres tímidas das quais é preciso mais que muito arrecear-nos. Dadas certas circunstâncias, raro é que esta timidez não se transforme no mais descomunal arrojo. Fecham os olhos e entregam-se à voragem.

Foi isto justamente o que sucedeu com Luizinha.

— Aconteça o que acontecer!... murmurou ela.

E seguia.

Ficava a casinha tentadora no centro de um pequeno recinto formado por uma meia dúzia de cajueiros.

As portas ainda estavam cerradas; não tardou contudo que um galo cantasse no terreiro, os passarinhos chilreassem e o rumor de quem acorda povoasse o albergue. Abriu-se primeiro uma janela, chorou uma criança, e a voz da dona da casa deixou-se perceber rouca e áspera mandando fazer fogo para o café. Afinal descerrou-se a porta, e uma velha, embuçada em uma baeta, botou a cabeça de fora.

— Quem está aí? perguntou, descobrindo o cavaleiro que amarrava a rédea em um galho de árvore.

A palavra foi acompanhada de um destes enormes bocejos que constituem o epílogo do sono.

— Paz! respondeu o moço. A comadre parece que deu agora para preguiçosa.

— Gentes! — tornou aquela, pondo a mão em forma de abajur para melhor reconhecer a pessoa que lhe falava — e o moço me conhece!

— Ora essa! era o que faltava, que de ontem para hoje me houvesse perdido as feições!

— Ah! o compadrinho...

E aqui fez um gesto de surpresa.

— Ora, valha-me Deus! Já não passo de um casco velho que não presta mais para coisa alguma!

Nisto a cabeça de uma menina vergonhosa surgiu pela janela; mal apontou, porém, e deu com o rapaz, recolheu-se batendo a porta.

— Grande rapariga matuta. Olha bem, Rosa, que o filho da dona da serra não é nenhum bicho de que se fuja.

Não obstante a injunção, a esquiva não tornou a aparecer.

No meio do seu atordoamento a Micaela não soube o que fizesse para agradar a visita. Puxou um tamborete, mandou à filha que trouxesse o café, e, murmurando mil desculpas provocadas pelo acanhamento, acabou por sentar-se no chão aos pés do moço para quem olhava embasbacada.

— Ó comadre, disse este, notando a confusão da pobre mulher, ainda que mal lhe pergunte, você parece que ainda não se acostumou com esta figura depois que andei por terras estranhas? Pois acredite: é a coisa mais natural deste mundo a transformação da criança em homem. Repare bem — continuou o garoto rindo-se a perder, veja se encontra em mim alguma perna além das que eu tinha, algum braço que não levasse daqui. Só o que tenho diferente é a cabeça, que já não é a mesma.

Ao ouvir as últimas palavras não pôde a velha fugir a um gesto de espanto abrindo desmesuradamente os olhos.

— Credo!

— Credo de quê?

— Santa Maria! Deus me defenda! Só os endemoninhados... Menino, você será agora um lobisomem?! Nem é bom falar nisto.

— Qual! nem uma nem outra coisa. Vamos a ver que sou o diabo em pessoa.

— Figa! cruz, pé de pato!

Persignando-se, a Micaela afastou-se.

— Velha! velha! tornou o rapaz. Não há quem me tire da cabeça que você é feiticeira.

— Vá para longe com seu agouro... Menino, deixe-se de graças! Toninho! gritou Micaela para uma criança que atravessava nua o terreiro.

O capetinha estacou e pôs o braço sobre o rosto fingindo chorar.

— Anda cá, patife! Então não vês teu padrinho. Já!... tome a bênção.

A criança aproximou-se, e, entre mil trejeitos, beijou a mão do moço, que sorrateiramente introduziu-lhe nos dedos uma moedinha de prata. O menino, como é natural em todos os indivíduos de sua espécie, recebeu o presente com uma avidez imensa, e correu fazendo negaças à curiosidade e inveja dos irmãozinhos que estavam no fundo da casa.

A altercação não se fez esperar e dali a minutos voltava o autor da rusga, em choro, queixando-se de que lhe haviam arrebatado a moedinha.

— Espera, marmanjo, disse a comadre, lançando mão de umas correias, que como espantalho pendiam do velho portal, espera que já vou dar-te um ensino.

E de feito, às palavras ter-se-iam seguido obras, se em favor não intervisse o moço.

— Passem para cá diabretes! Nem mais um pio... Agradeçam... senão... senão...

Alfredo dera entretanto sinal de retirada.

— Pois que tomou o rancho, instou a comadre, agora espere pelo café.

— Não; tenho pressa. O tempo passa e é preciso que não deixemos fugir a ocasião. E chegando à porta continuou: Na verdade, comadre, bem me diziam que isto por aqui estava muito mudado. Ora quem viu estes carnaubais como eu vi!

— É tal e qual! Tudo hoje são saudades, principalmente para quem conheceu isto no tempo de seu pai. Olhe; aquela mata que havia lá acima do açude do Guabiroba já é um roçado a perder de vista. A ponte que estava ali embaixo do carnaubal não é a mesma. Vieram aqui uns bichos com barbas de fogo e chapéus brancos, dizendo que era preciso coisa que agüentasse a cheia: trabalharam, trabalharam, e, enquanto o diabo esfrega o olho, armaram a tal trabuzana. Eu, compadre... Deus me perdoe... não sei por que não posso gostar destas invenções de inglês. Diz o padre-mestre vigário que aquilo atrai raio, e o caso foi que o ano passado caíram dois.

— Talvez chamados pelo ferro. Mas isto é até um preservativo para a vizinhança. Se hão de cair os coriscos na choupana do pobre, caíam antes no artefato do estrangeiro.

— Só ao falar nisto fico trêmula — volveu a pobre mulher fazendo uma careta ao ouvir a palavra companuda que soltara o rapaz — Foram ainda estes demônios que meteram o machado na mata de cajazeiras que havia no meio da estrada. Tão bonitas que eram! Os bruxos porém não quiseram saber de nada; foram-se com as artes do diabo... do esconjurado.

— E a casa do Papara? Dar-se-á caso que eles também tenham-na levado, os malvados?

A Luizinha, que de parte escutava esta conversa, ao ouvir o mancebo pronunciar com tanta familiaridade o nome de seu pai, estremeceu de júbilo.

— Francisco! acrescentou a Micaela maliciosamente. Ah! já sei... Queimaram-lhe a casa. Agora está na lagoa. Não fizeram mal com isso, não: ele bem o merecia. Cala-te boca... Sei lá falar da vida alheia... Mas o que é verdade é que andam dizendo que a filha vai casar com um curiboca dos mil demônios. Se eu mesmo dava uma filha minha a um mal-encarado!...

— E a pequena está com isto satisfeita?

— Coitadinha! Se a pobrezinha, segundo me contaram, nem sabe o que quer! O pai é um maricas, e a Germana, que não o deixa pisar em ramo verde, ajusta com o cabra como boca de bode. Por

um roçado, **compadrinho**, por um roçado é que é tudo isto! O curiboca é famanaz, e, não se dando das mortes que tem no couro, trabalha como mouro... Ah!...

— O que viu?

A Micaela, soltando um grito, metera-se para dentro de casa.

VIII / LUIZINHA

PICADO PELA CURIOSIDADE, o moço voltou-se para verificar a causa desse movimento, mas nada encontrou; apenas na próxima folhagem via-se alguns ramos agitados.

— Alguma fera? — inquiriu de novo Alfredo.

— O homem! balbuciou a mulher. Decididamente foi o diabo quem o trouxe agora por aqui. Se visse os olhos que lhe atirou e mais o facão que levava, meu Deus!

— Ora, comadre, isto foi visão.

— Visão! Vi-o tão certo como ter eu um dia de morrer... com estes olhos que a terra fria há de comer. Jesus! Só me diz o coração que aquele demo ainda há de vir a fazer-me mal. O Tatu atravessou não há um minuto pela estrada.

— E foi então essa figa quem lhe trouxe tão grande susto?

— Prouvera a Deus que não fosse outro!

— Anh; temos mistério; pois antes que desapareçam os rastos da caça, vou trazê-la pela orelha.

Micaela não teve tempo de obstar a fuga; palavras não eram ditas e o fogoso rapaz corria em direção à lagoa.

— Virgem Santíssima! gritou ela assustada. Se João do Camocim o pega, compadrinho!... Olhe que o cabra anda cioso como uma onça, julga que todo o mundo lhe quer agadanhar a noiva, fumega em toda a parte, e ai daquele que se meter em encamisadas! Um branco assim como o menino em casa de palha faz o pobre logo desconfiar. O bicho é desabusado.

— Ora, por Deus, que não tenho medo de cururus, respondeu já de longe o impávido cavaleiro.

Bem surpreendido ficou o rapaz quando em lugar de um tigre, descobriu adiante na estrada um vulto gracioso de mulher, que queria escapar às suas vistas.

Era Luizinha, que, trêmula e arrependida da imprudência, buscava ganhar a casa.

Alfredo não pecava pouco pelo romantismo. Imaginação ardente, espírito volúvel, esqueceu-se de tudo no mesmo instante, e sua atenção convergiu para as formas arredondadas da menina.

Mais rapidamente do que o raio dissiparam-se os receios, que de alguma forma lhe infundiam as recomendações da Micaela, e o sangue, como um corcel desenfreado, começou a saltar-lhe nas veias. Ergueu-se sobre a sela como general prestes a entrar em combate, e despediu do peito um prolongado suspiro.

O bucéfalo, pressentindo que grandes revoluções se operavam pelas altas regiões do seu costado, sem que lhe chegassem as esporas, arrancou. Dois minutos decorridos e tinha desaparecido o espaço que separava o cavaleiro da caça gentil.

É incalculável a satisfação de que este se deixou possuir apenas reconheceu achar-se junto de uma rapariga de quinze anos. Se acaso era a formosa náíade que às tardes costumava lobrigar sob o teto da casinha de palha, nenhuma ocasião se lhe depararia para melhor apreciar suas perfeições.

Duas vergastadas, aplicadas com vigor às ancas do animal, o colocaram em posição de bem observá-la.

Neste momento a menina volveu o rosto e um grito de surpresa rompeu dos lábios de Alfredo.

— Luizinha!

— Ah! Fala em meu nome? — disse ela, enrubescendo até a raiz do cabelo.

— Pois eras tu?!

Não se calcula o efeito que de perto produzira sobre o moço essa morenita viva, garrida e encantadora.

Vestida, mais desesperadoras então se tornavam as suas formas ocultas agora pelo modesto traje campesino. Seus olhos negros e rutilantes doidejavam como duas crianças travessas, os cabelos formando duas bastas tranças, a boquinha encarnada qual pitanga, os seios túmidos e inteiriçados a romperem com os biquinhos o cabeção rendado, que a custo os continha, tudo isto junto provocava enfim no rapaz uma diabólica revolução.

Os pés! os pequenos pés, mimosos, nus e carmíneos, cujos dedos mal se escondiam nos tamancos de marroquim; os endiabrados pezinhos, que mais direito tinham a um parágrafo de Henrique Heine do que os daquelas carunchosas senhoras de Goethingue tão falados no *Reisebilder*; esses diabretes eram o que mais tentava o nosso Endemião.

A exaltação amorosa chegara a seu termo.

A mulher! Dizem que é a cabeça do homem que dá leis ao mundo; o que concederemos àquela que justamente sobre as loucuras do último baseia o seu império? Os meios estranhos de que lançam mãos as filhas de Eva para chegar a esse resultado, ignoramos. Talvez nisso não pequena parte tenha tido aquela célebre prática, havida no paraíso, debaixo de uma árvore frondosa e coberta de

apetitosos frutos, entre a primeira mulher e a serpente infernal. Quem nos assegurará que aí não aprendesse ela a compor o primeiro sorriso fascinador?

Foi decerto com um sorriso destes, embora repassado de uns longes de desconfiança e receio, que Luizinha respondeu à interpe-
lação que lhe faziam.

— Tão pouco tempo... insistiu o moço saltando do cavalo e instintivamente procurando tomar-lhe as mãos. Tão pouco tempo, meu amor, e já tão esquecida dos velhos amigos!...

— Ah! murmurou a menina buscando em um sorriso esconder o enleio. O Sr. Alfredo!...

— O Sr. Alfredo, não! — disse ele acentuando a palavra. — Por que não hás de me chamar como outrora? Terei porventura deixado de ser o mesmo que era nos bons tempos em que folgávamos juntos?

E assim se exprimindo, foi aventurando um abraço.

Vendo-se a tímida menina por este modo acometida pelo famélico erotismo do Romeu das dúzias, olhou cheia de receio para todos os lados, e, impelindo brandamente os braços que a afagavam, com voz trêmula, murmurou:

— Não me perca!

Lembrava-se provavelmente da horrída catadura do curiboca, em cujas mãos calosas se sentiu de novo comprimida. Seu organismo dominado, ou antes, agitado por desconcertadas emoções vibrou até a mais recôndita fibra.

IX / ONDE SE DESCOBRE QUEM ERA O PIMPÃO QUE TANTAS VOLTAS DERA AO BESTUNTO DA GERMANA

SE O LEITOR ainda não adivinhou, lhe diremos que a formosa virgem da lagoa tinha sido os bons pecados desse Alfredo que acabamos de fazer entrar em cena.

Caro penhor dos primeiros amores do honrado Francisco do Papara, cuja energia vimos desenvolver-se tão belamente nos primeiros capítulos desta história, tinha sido a menina a assídua companheira das suas travessuras infantis.

Quando vivo o pai de Alfredo, homem laborioso e nesse tempo pouco independente dos bens da fortuna, habitava em um sítio próximo a Jassanaú, de onde tirava a subsistência, acumulando no mealheiro os primeiros vinténs de que se havia de formar uma grossa fortuna.

Dava o lavrador *muitas* entradas em sua casa aos pobres e desvalidos da sorte, e entre eles *não* pequeno lugar ocupava o par de galhetas do Francisco e da Germana, cujos gênios descontrados *constituíam* o divertimento de todos.

Graças a uma índole invejável, que bem condizia com o nome de batismo, a mãe de Alfredo chamara-os *logo* para ao pé de si, e tanta afeição tomara à filhinha, que esta mais vivia em sua companhia do que na dos seus grulhentos progenitores.

Assim, todos os dias Alfredo a via, e a ternura da mãe facilmente transmitiu-se ao menino. Juntos sempre se achavam, juntos brincavam, juntos iam ao banho, e não era sem extrema satisfação que a jovial senhora notava o ardor com que o seu pequeno preferia a companhia da rapariguinha à dos moleques da zorra, capadócios estes que a seu ver não podiam favorecer-lhe muito a moralidade.

A maior parte do tempo passavam-no eles a depenar as goiabearas de quanta goiabinha verde havia ou a conduzir carrinhos pelo campo, isto quando ambos não o empregavam em malefícios próprios da idade, tais como atirar pedras nos inofensivos bois, ou tirar à sorrelfa do forno de farinha as tapiocas que os escravos punham a aquecer para saciar a gulodice.

Não raro era que aos domingos aparecessem por aí alguns vadios da vizinhança, cada um montado em seu carneiro, ou, na falta deste, em bem-ajaezados cavalos de talos de carnaúba! Imediatamente formava-se o folgado. Escaramuçavam pelo prado e uma ou outra queda de corpo tinha lugar entre os mais possantes para afervorar a brincadeira.

Como é de supor, o nosso herói não esperava que lhe dessem a primazia. Ditador em sua casa, arvorava-se logo em diretor da folgança, e a *manja* ou o *tempo-será* organizava-se sem quebra de uma só regra do código dos mequetrefes.

Já se sabe que o mimoso par nunca se separava sob pena da ciumada trovejar entre eles. De parceria, pois, corriam quando se tratava do *esconde-esconde!* Quantas e quantas vezes não eram vistos, com grande alarido dos outros, saírem debaixo de alguma dessas enormes camas de armação do tempo antigo, vermelhos como pitanga, trazendo no rosto o corpo de delito de alguma travessura!

Alfredo nem sempre suportava com sangue-frio a petulância desses futuros subdelegados de polícia. O bofetão então fazia o seu ofício: um murro para aqui, outro para ali, um pontapé para acolá, e com pouco estava dissolvida a reunião.

— Está tudo acabado! — gritava ele afinal. — Não quero mais: vão-se embora!

No fim das contas, Luizinha era quem ficava amuada, protestando nunca mais entrar em brinquedo com um menino tão desor-

deiro. Por ligeiros instantes, porém, duravam os arrufos. Dez minutos eram mais que suficientes para tornarem às boas, e com beijos e abraços selavam o contrato de nova amizade, cuja base era de então em diante não abusar ele mais de sua ingenuidade.

— Olhe — dizia ela —, se não se fizer sério, vou queixar-me à D. Genoveva. Veja lá! Depois não venha para cá lastimar-se, porque não quero ser sua mulherzinha.

Interminável seria a digressão se fôssemos descrever todas as cenas de amores infantis, que cotidianamente se repetiam entre os dois meninos.

Aos doze anos saíra Alfredo de casa para entregar-se aos estudos. Entre mil carícias se despediram, e Luizinha ficou bem certa de que um dia o seu amorzinho voltaria para se ligar a ela pelos santos laços do himeneu. Quão longe estavam de compreender o abismo que os separava na escala social!

Ditas estas palavras, somente para instrução do leitor, nada mais natural do que o encontro e as expansões dos dois após um feliz regresso.

Outra, não obstante, seria a situação. O rapaz provavelmente só se lembraria de que tinha diante de si uma conquista; a menina só pensava em como vencer o terrível acanhamento que lhe causava um moço da praça.

— Não me perca! — pronunciara a rapariga com os olhos a dançarem em lágrimas.

— Mas, meu bem, replicou o perverso, como te hei de perder, se tão bem-achada me pareces neste momento!

— Ah! largue-me, pela Virgem Santíssima! Pode vir gente... Por menos do que isto minha mãe outro dia ia-me matando. Demais... o curiboca... se souber... misericórdia!...

E uma crispação nervosa percorreu-lhe todo o corpo.

— Sossega, faceira, é um abraço só. Escuta! tu não eras assim quando daqui saí.

Longe iria por certo esta deliciosa luta travada entre duas criaturas, tão imprudente uma como a outra sedutora, se uma reação repentina não viesse pôr termo aos tresloucamentos do mancebo.

Alfredo sentia-se remordido por súbito arrependimento. O ataque fora brutal, e era bem possível que por isso a donzela se tivesse sentido ofendida em seu amor-próprio. Desacoroçado, já se desprendia da menina, quando percebeu que alguma coisa mordia-lhe na mão. Recuando de um grito que se desfez em uma gargalhada, apenas conheceu a causa do susto.

Era o *fidus Achates* de Luizinha. O pobre mico, dando pela falta desta, viera, saltando de galho em galho, em sua procura, e, sem que o descobrissem, encantonara-se no ombro da senhora. Fora

ele, portanto, que, tomado de furor, saíra em defesa da menina, castigando devidamente a mão indiscreta que buscava enlaçá-la.

Batido em retirada, o general foi obrigado a confessar que de mais utilidade tornava-se aquele bicho a Luizinha do que a Vênus e Diana os seus alegóricos animais. E não deixava ela de ser de algum modo a deusa daquelas cercanias. Certamente por essa razão reputavam-na a mais mimosa flor do prado, e ninguém ousava ofendê-la.

Os ansios que sublevavam seu coração quase chegaram a convencê-la de que o segredo de sua alma tinha sido surpreendido. Concretizavam-se seus sonhos do passado, e a figura esbelta de mancebo que por vezes passava por sua imaginação achou-se de repente a seu lado palpitante de vida. O que em seu organismo se passou não tentaremos descrever: foi deslumbramento e pavor ao mesmo tempo!

Certos segredos da natureza se lhe revelavam de um modo singular ao contato do moço: a cabeça parecia vacilar-lhe e o coração estremecer como a agulha magnética entre os dois pólos.

Pensou em fugir; mas uma força irresistível pregou-a ao solo.

X / CIÚMES

OS REMORSOS E O MICO tinham posto o rapaz em debandada. Seria a retirada, porém, prenúncio de investida mais decisiva?

— Como é que te achas aqui tão sozinha? perguntou-lhe passados alguns minutos, amaciando a voz.

Surpreendida pela pergunta, Luizinha não soube o que respondesse. Quase traiu o motivo que a trouxera ali. Felizmente existia ao lado do caminho um roçado do Papára; foi isto uma solução para a menina, que apontou para a cerca e fez compreender com o gesto que a tinham mandado colher alguma coisa.

— Forte crueldade! — exclamou Alfredo. — Como é que se obriga uma criaturinha assim a este serviço? Coitadinha!

— Sou muito infeliz! — murmurou Luizinha.

— Infeliz? Terás algum espinho no coração?

— Que sei eu?... Quando todos riem, eu choro.

— Ora, minha tolinha, por tão pouco não vale a pena orvalhar o campo com essas formosas lágrimas, se bem que paguem razoavelmente o prazer que me dão em ver-te tão bela.

Comiserado da pequena, Alfredo acompanhou-a ao roçado; em um momento arranjou-se um uru e procedeu-se à colheita.

Alfredo quebrava as espigas de milho, e Luizinha as ia recolhendo; e nisto gastaram bons minutos, incumbindo-se por esta maneira o rapaz com a maior satisfação de um trabalho impossível para os dedos delicados de uma tenra menina.

— Estás contente? — perguntou-lhe ele, apenas findou o serviço.

— Deus queira pagar com o céu as bondades de seu coração. Agora só lhe peço uma coisa: se me quer bem, deixe-me voltar só. Os suspiros a sufocavam.

— Oh! não faças isto. Mal te descubro, foges-me?

Por uma invencível repugnância, não quisera ele falar-lhe no noivo.

Também ela horrorizava-se só com a idéia de pronunciar o nome do curiboca. Fascinada, a brejeira não respondeu nem pela afirmativa nem pela negativa.

— Eras capaz de fugir comigo? — tornou o rapaz em ar de caçoadá.

A menina ria-se, mas de um riso que traduzia a mais completa atonia. Deixou-se brandamente agarrar pela cintura, sentou-se na anca do animal e passou o braço pelo corpo do cavaleiro, que mais rápido do que o raio já se houvera colocado em cima da sela.

É impossível descrever as emoções que assaltaram Luizinha, quando sentiu o contato do mancebo. As esperanças de outrora e os sonhos, que a toda hora lhe apresentavam aos olhos da imaginação o antigo companheiro de vadiações, produziram tal revolução em sua cabeça que quase a fizeram desmaiar.

O coração palpitava-lhe, e os agulhões da carne perturbavam-na até a embriaguez.

Alfredo, por seu lado, também experimentava torturas indizíveis. O platonismo e a libertinagem travavam uma luta diabólica. Talvez que sobre ele os arsenais da vaidade de Helena não chegassem a ter tanta influência como o cheiro da baunilha que trescalava daqueles cabelos luzidos e o perfume de cravo de que estavam impregnados os seios excitantes da rapariga.

— Se adivinhasses o que eu sinto, Luizinha! — disse ele buscando ferir um ponto, que, há bons cinco minutos, fervilhava-lhe na mente.

— Não posso ver-te tão rigorosa. Que dissabor hei de ter quando souber que foste entregue a um desalmado!

A menina, a estas palavras, estremeceu e soltou um prolongado suspiro.

— Não, mil vezes não!, retorquiu ela. — Eu sonhava um dia que alguém me viria salvar de uma grande desgraça.

— Vamos a ver, meu bem, que o salvador não é outro senão...

— Ah! Acredite: sinto uma coisa... uma falta de respiração... O coração parece querer saltar-me pela boca... Meu Deus! nunca tui assim; rio e choro, tudo ao mesmo tempo...

— Brincas comigo, minha sonsinha. Dar-se-á o caso que me pretendas convencer de que não tens juízo.

Nestes entrementes voltou o rosto e com que havia de encontrar-se? Com os olhos mais cheios de volúpia que jamais abriram-se sobre a terra.

Um fenômeno extraordinário se operava na filha do Papara. Esquecida de tudo, abandonada aos caprichos de um singular temperamento, a inexperta criatura abismava-se no pego insondável, de onde raramente pode arrancar-se aquele que nele uma vez precipitou-se. A taça transbordara, e o moço havia rompido com os escrúpulos que a princípio o prendiam.

Seguiu-se uma verdadeira tempestade de beijos. A este tempo atravessavam uma depressão do solo formada por um regato; embevecidos como iam, ambos em mil recordações do passado, não repararam a passagem. Alfredo perdeu os estribos e, quando quis evitar a queda, já era tarde.

A queda foi, porém, tão feliz, que nem um nem outro tiveram de que lastimar-se, se antes não estimaram o desastre.

— Ai! meu amiguinho... teve apenas tempo de murmurar a taceira, procurando endireitar as saias, que, traidoras, tinham posto em relevo, no arregajo, as perfeições de uma bem contornada perna.

Confusa e enrubescida, ergueu-se e tentou compor um semblante choroso.

— Meu Jesus! refletiu o rapaz; vamos ver que a brejeira está sofrendo. Tomaste algum susto? Bebe um pouco d'água... Oh! se soubesses como ficas bonitinha assim!...

— Bonitinha! — repisou ela envergonhada em tom de exprobração.

Inúteis eram todos estes protestos. O gérmen de desordenados desejos já frutificava em seu seio.

As pazes não se fizeram por muito tempo esperar, e em dois saltos se acharam as duas incautas crianças, como Dáfnis e Cloé, ao pé do ribeiro que derivava sussurrando por entre o arvoredor.

Uma folha recurvada de taioba foi a taça improvisada de que se serviu o novo Paulo para mitigar a sede dessa garrida Virgínia.

— Estás melhor? não é assim? Descansa.

— Não tenho nada... mas é que podem dar pela demora...

— Luizinha... espera... Se te retiras sou capaz de morrer.

— De onde agora lhe veio esta cisma?

E sorriu-se com esse sorriso provocador de Galatéia a que ninguém pode resistir.

O moço, louco, ébrio de prazer, estendeu-lhe os braços de novo e os beijos fervilharam entre as duas bocas como dois colibris que ali estivessem esvoaçando a brincar.

Subitamente, estranho rebuliço produziu-se na folhagem. Luizinha, assustada, volveu-se e viu passar uma sombra.

— Ah! Que medo tive agora! — exclamou baixinho e toda trêmula.

Instigado pela menina o cavaleiro voltou com cautela para onde estava o animal, puxou-o pela rédea, e, segurando a menina pela mão, continuou a caminhar em direção da lagoa. Nisto surgiu-lhes diante dos olhos um desses rocins lazarentos, a quem em vida já os urubus vão fazendo sua corte. Apenas o animal percebeu que andavam-lhe nas pisadas, embora trôpego, largou-se a correr; estimulado o outro com isto, e, porventura entendendo que nenhuma ocasião melhor encontraria para vingar-se do triste papel que o tinham obrigado a representar, arrancando o freio, disparou pelo caminho a fora com as ventas acesas e a soprar.

Desconcertado, Alfredo desprendeuse da companheira, e abalou atrás do cavalo, que, não sem custo, conseguiu agarrar; cavalgando-o então voltou em socorro da menina. Dois passos porém, não tinha dado quando, como se a terra por milagre se houvesse aberto debaixo dos pés, o cavalo curvou-se, e por momentos esteve a barafustar sem poder erguer-se.

Ao mesmo tempo, viu ele um objeto revolver-se debaixo das patas do animal.

— Estamos perdidos! — gritou angustiada Luizinha.

Era João do Camocim.

Foi então que Alfredo, reconhecendo o grande perigo em que se metera, refreou o alazão, e obrigou-o a retroceder. O curiboca, porém, mais ágil do que o cavaleiro, já o tinha seguro pela brida. De boa raça, o animal não perdia por lerdo; sentindo-se esporeado, investiu, e, levantando as patas, abateu-se sobre o assassino, que, rugindo de dor e raiva igualmente, rolou por terra.

Alfredo aproveitou-se deste incidente para salvar-se: tocou para a frente e dispôs-se a não fazer uso da arma que conduzia senão em caso extremo. Mas pouco adiante o animal começou a refugar. Dava-se isto justamente ao tempo que o curiboca se suspendia por um supremo esforço, brandindo a terrível faca.

— Pensava que me havia de escapar! — bradou com os lábios espumando sangue. — Hei de acabar com a corja, um por um.

— Não me mates, covarde! retorquiu o moço.

Dominado por não sabemos que força estranha, o faquista, contudo recuou. Que revolução seria a que se havia operado naquele cérebro?

— Ah! velho bruxo! — murmurou ele. — Já estou cansado de suportar tuas quizílias.

Com o movimento do curiboca o rapaz tomara coragem, e, volvendo-se para ele, ameaçou-o com a arma.

— Fere, e verás — disse — se de hoje em diante consentirão que continues a assassinar pelas estradas, disputando os olhos de uma

pobre rapariga, que não ofendeu a Deus para ser entregue a um selvagem como tu!

O sangue voltou aos olhos do noivo de Luizinha. A faca fendeu os ares e foi cravar-se no tronco de um cajueiro. João errara o golpe.

Alfredo, torcendo o corpo, dera de rédea, antes que o adversário pudesse alcançá-lo.

Lobrigando a menina, que aterrada fugia para a lagoa, o feroz assassino retorceu a faca entre os dedos, lançou um olhar ameaçador para a estrada por onde tinha desaparecido o rival e, como um alucinado, disparou pelo mato adentro.

XI / SUB TEGMINE FAGI

EIS-NOS TRANSPORTADOS às faldas da Aratanha.

Diante de nossos olhos maravilhados desenrola-se o mais deslumbrante painel que é possível imaginar. A planície! Como é belo contemplá-la das alturas! O coração dilata-se e a alma revoa para a mansão das eternas delícias. Entre o céu e a terra o homem julga-se por instantes menos homem e mais anjo.

Aí se é feliz.

O clamor das turbas extingue-se no sopé da montanha, e o coração, transbordando de um prazer comunicativo, que é o privilégio dessa potente natureza dos trópicos, o coração sonha com as ridentes regiões do paraíso.

Era justamente em um dos mais risonhos pontos de vista da Serra que estava assente a vivenda de Alfredo.

A viúva soubera aumentar as suas posses, e, sem grande sacrifício, conservava a propriedade que lhe havia sido deixada pelo desvelado marido, no meio de certo conforto, que lhe tornava a vida, naquela solidão, um tanto agradável, para não usar do superlativo. Bons aposentos, um amplo copiar, extenso terraço na frente, nada faltava à habitação para dar-lhe o aspecto que apresentam sem exceção todas as casas de cafezistas. Ao lado seguia um grande pomar, onde se encontravam as melhores frutas da terra; no fundo, um jardinzito asseado e bem pensado, onde apenas se notaria a ausência do *chic* de uma menina de quinze anos, coisa que por certo ali não existia; montanha abaixo desciam os armazéns, em que se depositava o café colhido, as senzalas, os despoldadores e, afinal, as máquinas de ventilar.

No mais era tudo um ninho pendurado de um alcantil, coberto aqui de espessas matas, ali de roçados de cafés, por entre os quais

se despenhava em inúmeras cascatas um pequeno rio cheio de encantos pastoris e mais que tudo de deliciosíssimos banhos.

Aí, pois, a provecta viúva escondia os seus dias silenciosos.

Alfredo levava nestes sítios uma verdadeira vida de Lopes.

Só quem nunca experimentou os carinhos de uma mãe ou de uma tia velha, de quem se viveu por muito tempo ausente, poderá desconhecer o que há de inexprimível nestes agrados excessivos, às vezes impertinentes, que em tudo, nos mais insignificantes objetos, procuram traduzir o amor e o desvelo.

O conchego da vida doméstica o tinha inutilizado completamente para os labores da vida ruidosa das cidades, e uma verdadeira ociosidade beatífica começava a dominar-lhe todo o organismo. Gastava o tempo como Virgílio a entoar hinos ao viver campestre, louvando o Deus que lhe criara aquele santo remanso, e, se lhe faltavam os Menalcas e Alfesibeos para longas palestras embaixo das copadas mangueiras, em compensação não se fartavam seus olhos de contemplar as belezas que enastravam a encosta da montanha.¹⁴

Contemplava com prazer a planície, que se desdobrava diante da janela de seu pitoresco caramanchel; e não havia encantos que em sua imaginação excedessem a pujança desses prados viridentes, que, estreitados entre as duas cordilheiras da Aratanha e Maranguape, iam perder-se na azulada linha do Atlântico. Os seus ouvidos não encontrariam orquestra que os deliciasse mais do que a que formavam as graúnas e os corruções no próximo coqueiral, e sua alma voava às regiões do amor enquanto o coração ocioso extravagava pelos tetos de palha, pelas rústicas habitações que rojavam embaixo no vargado.

Isto, quando não lhe aprazia sair de casa. Logo porém que se aborrecia da monótona sombra do teto materno, mandava armar uma rede debaixo dos arvoredos do pomar, e aí passava as horas mais calmosas do dia em um sono ininterrupto, quase evangélico.

Cremos que melhores momentos não gozariam os justos no paraíso de Mafoma, reclinados no seio das suas volutuosas huris.

Alfredo despertava sempre com os primeiros albores do dia, fenômeno notável em um rapaz da praça, regra geral, preguiçoso. Ia a um curral em que com o maior custo conseguira D. Genoveva manter algumas vacas; saboreava uma boa cuia de leite, percorria as plantações, metia-se na cachoeira e sem mais preâmbulos tomava um prolongado banho debaixo dos buritis.

¹⁴ Não fugiu Araripe Júnior, neste lance como em outros, a uma curiosa característica dos ficcionistas, europeus como nacionais, do romantismo — alusões constantes a figuras e temas do classicismo greco-romano.

Raras vezes as suas excursões excediam as raias do sítio. Regressava sempre antes do almoço para os armazéns de café, assistia por alguns instantes ao processo do despolpamento ao som das cantigas com que os moleques acompanhavam o serviço; e não raro era vê-lo gastar o tempo a discutir com o mestre ou administrador sobre um método mais simples de ventilar o café. Estas discussões acabavam sempre com um — *ora, senhor meu amigo, vossa mercê não pesca disto!*

As nove horas do dia era o almoço e Alfredo almoçava como um abade; às quatro, depois do religioso sono da sesta, jantava como um bispo; e cearia como um papa, se quase sempre não adormecesse em uma esteira estendida sobre o terrado, aos suspiros saudosos da viola de um trovador que tinha por obrigação vir todas as noites consolar com as suas sertanejas endechas os pesares desse romântico Saul.

Um viver tão plácido e sereno não podia durar por muito tempo.

Alfredo, por fim, aborreceu-se daquela paradisíaca felicidade. Entendeu um dia que devia reivindicar os seus foros de cavalheiro, e rompeu hostilidades contra a inocência dos prazeres campestres.

Assim é a humanidade! Não têm limites as aspirações mundanas. Ninguém se considera satisfeito ainda que sobrecarregado dos maiores donativos celestes. Até a própria felicidade, quando não interrompida, torna-se monótona e enche-nos a vida de tédio e fastio!

É provável mesmo que chegue o dia em que os bem-aventurados venham a enjoar-se das delícias do paraíso, e até se lembrem de usar das prerrogativas conferidas pela declaração dos direitos dos homens.

Foi assim que o *ai-jesus* de D. Genoveva uma tarde mandou selar o melhor cavalo da estribaria e soltou o brado de revolta.

A viúva não deixou de estranhar a repentina resolução do filho. Como boa mãe, que não desejava, naquele tempo precioso, ver-se nem por um instante separada de seu mimoso, largou de mão os bolos que preparava e começou a apresentar-lhe mil objeções sobre o intempestivo passeio, figurando as mais feias hipóteses de que seria capaz a cabeça de uma mulher extremosa.

— Olha, Alfredinho; para que vais sair agora? Não sabes montar bem a cavalo e sem companheiro...

— Ora, minha mãe... Serei porventura criança?

— Não és; bem o sei. Mas é que o animal... pode mesmo meter o pé em algum buraco... algum atoleiro que não conheças... Isto de andar a passeio serra abaixo não é bom... não é bom... Depois, já faz tanto tempo que deixaste o sítio...

E passando-lhe a mão docemente pelo ombro e afagando-lhe o rosto, julgou a boa senhora que de nada mais precisaria para prender o rebelde.

— Não sais; não é assim? — disse ela com uma voz dulçurosa, de cuja inflexão só as mães conhecem o segredo.

O moço guardou silêncio por dois ou três minutos. Repentinamente, porém, como se lhe tivesse voltado o mesmo ímpeto que o fizera mandar selar o cavalo, arrancou-se dos braços da velha e gritou:

— Arre lá! que já estou aborrecido de tanta monotonia!

Pela primeira vez em sua vida tinha o menino sido grosseiro para com a autora de seus dias.

A viúva atribulada, ferida pela maneira brusca por que lhe falara o ente a quem mais queria neste mundo, não pôde resistir à comoção, e duas lágrimas rolaram-lhe pelas faces.

Alfredo, vendo que a mãe chorava, assustado, buscou seus braços, e caindo então em si, reconheceu quão imprudente tinha sido aquele *arre* sem significação.

— Minha mãe! minha mãe! — exclamava ele afagando-lhe os cabelos brancos. — Deixe-se de lágrimas! Eu sou um estouvado... castigue-me. Aqui estou...

Um riso de íntima satisfação rompeu por entre as lágrimas que inundavam os olhos da velha.

— Ficas; não é assim, meu filho?

— Se minha mãe me ordena, ficarei. Mas, creia que eu tenho necessidade de esparecer. Sou rapaz... e os rapazes... os rapazes... precisam de ar para viver. Depois os médicos aconselham...

— Os médicos! Porventura estarás doente?

— Não, minha mãe. Mas os passeios são higiênicos; pelo menos quando se não quer fazer vida santa; porque enfim... Eu fico; porém, minha mãe também se não há de queixar quando amanhã ou depois estiver eu por aqui macambúzio, triste, atacado de melancolia, fastio, aborrecido, impertinente... Veja lá!

O que são as mães!

Já agora era D. Genoveva quem procurava botar o filho pela porta a fora, por princípios de higiene, bem entendido. Sobressaltada e receando que com as suas impertinências não agravasse os males do rapaz, olhou para o bigodezinho que lhe despontava apenas, e, julgando adivinhar a natureza da moléstia, a custo pôde suster um riso de complacência maternal.

— Vai, Alfredo — dizia ela —, mas toma todas as cautelas para que te não venha a suceder algum desastre.

Ela mesma foi examinar se a cavalgadura estava convenientemente aparelhada; mandou que o preto trocasse o selim por outro

que fosse mais seguro; **inquiriu** se tudo estava em ordem, e então consentiu que o filho montasse.

Com pouco **Alfredo**, galgando o bucéfalo, **disparava** pela esplanada, e metia-se pelo pedregoso caminho que ia ter à planície.

— Volta cedo! — gritava a velha. — Não deixe de **vir** a horas de ceia. Cuidado com a ladeira! Estes matos não são seguros... Olha... procura a estrada da direita que sempre é mais povoada, para que te não vás perder.

— Sim, até a volta, respondeu ele, e, fustigando o cavalo, desapareceu cativo de tanta bondade.

Havia um bom par de anos que Alfredo se ausentara do lar. Fácil é portanto avaliar qual não foi o seu prazer apenas começaram a desenrolar-se diante de si os cenários, onde tinha passado os mais risonhos dias de sua vida, o tempo de sua infância. Tudo para ele eram agora encantos indizíveis. As árvores, as pedras, os riachos, os cercados, as veredas, as pontes de estiva, as casinhas que bordavam o caminho: tudo se transformava nas mais doces recordações. Com que satisfação não ia ele por ali renovando as relações, que já o tempo conseguira quase apagar! Que de agradáveis encontros não teve ele nessa tarde! Aqui o antigo servidor da casa que, de enxada ao ombro, voltava do roçado, seguido da mulher e dos filhinhos, santificado pelo trabalho; ali o carreiro encoirado que passava gritando na frente de seus enfezados bois, mui longe de pensar no travesso menino para quem outrora fazia gaiolas e armava fojos no momozal; mais adiante era a velha rendeira, cercada das suas galinhas e agarrada aos bilros.

A toda esta gente ia-se Alfredo dando a conhecer, e com o coração a transbordar abraçava os seus bons amigos de outros tempos.

Já tinha caído a noite quando a viúva pôde recebê-lo em seus braços.

Como é de esperar, os passeios repetiram-se, e apesar dos sobresaltos de D. Genoveva, começaram a estender-se demais.

Não tardou também que o rapaz fizesse alguma descoberta. Esta descoberta foi a da lagoa de Jassanaú, e vimos que influência sobre ele exerceram as seduições de Luizinha; é de prever que daí em diante pouco ou quase nenhum tempo achou para passar em companhia da mãe, que a nada disto entretanto quis se opor pelo muito respeito que tinha aos médicos.

Os perigos de que o ameaçava por outro lado o curiboca, muito cedo desvaneceram-se, e, não eram passados **longos** dias, sem que o caviloso rapaz tivesse achado um meio de renovar o colóquio.

XII / O ALBERGUE

ALGUNS DIAS se tinham escoado depois dos acontecimentos que narramos. Na forma do costume procurava Alfredo a lagoa, quando foi surpreendido pela noite. O sol, buscando o ocaso, inundava os horizontes com cores rubras e esbraseadas; uma nuvem negra e estreita rojava pelo meio deste oceano de fogo como uma salamandra, que se insinuasse no elemento a si tão grato: dir-se-ia ao mesmo tempo o flanco de uma montanha, que vomitava furiosas lavas.

Lentamente aproximava-se a hora do crepúsculo, e a natureza entristecia.

Não era só por uma saudosa reminiscência que Alfredo se deixava ir conduzindo por estas paisagens tão cheias de encantos.

Os seus amores infantis, mais do que nunca, vinham-lhe agora perturbar o espírito e avivar o sentimento, que o impelira para longe dos maternos braços. Uma coisa principalmente estava ali a aguilhoá-lo; as avezinhas aproximavam-se dos seus ninhos, como que atraídas por um mesmo princípio, e diante de seus olhos se desenrolava o quadro dos castos amores da natureza. O que significavam os pios doridos dos passarinhos que saltavam de galho em galho gritando um pelo outro? O que queria dizer aquele ciciar brando e voluptuoso da brisa pela coma das árvores, que estremeciam desprendendo de si preciosíssimos perfumes?!

Tudo ali respirava amor, até a folha do cacto selvagem, que murchava, ocultando em seu seio a gota d'água, que fecundando-a, lhe havia de trazer o frescor, a beleza e a seiva do dia seguinte.

A estrada, no ponto em que ele se achava então, era quase que completamente despovoada, prolongando-se em suas melancólicas sinuosidades, bordada, por frondosas cajazeiras, que davam-lhe um aspecto soturno. Apenas ao longe um roçado, onde ainda se podiam perceber os vestígios do elemento devorador, vinha perturbar a monotonia do lugar.

Divagando entretanto de uns a outros objetos, filosofava o rapaz, esforçando-se por disfarçar sua erótica melancolia, quando uma circunstância imprevista veio interromper o curso de suas preciosas reflexões.

Alfredo verificara que se tinha perdido. Julgando seguir pela estrada de Jassanaú, o cavalo embrenhara-se por um caminho escabroso que levava às grotas e despenhadeiros da serra.

A noite caía com rapidez, e em poucos momentos achou-se ele completamente em trevas, sem saber que rumo tomasse para de novo ganhar a estrada. Dirigindo-se ao acaso, viu que estava em um matagal tão espesso que impossível seria dali tirar-se, se por-

ventura não lhe aparecesse socorro. Feriram-lhe os ouvidos neste ponto os ladridos de um cão, e com pouco uma luz brilhou ao longe por entre as árvores, sinal de habitação humana. O coração palpitou-lhe e o susto que dele se ia apoderando, batido pela esperança, rapidamente dissipou-se.

Era talvez um pobre albergue de lavrador. Alfredo, desembaraçando-se do mato, não se demorou em aproximar-se do casebre. Uma porção de ramos secos crepitavam sobre o terreiro devorados pelo fogo, que o vento revolia, dando em suas oscilações aos objetos em roda um aspecto fantástico e assustador. O rapaz não pôde eximir-se de um vago terror. Em sua memória agruparam-se rapidamente todas essas cenas pavorosas de encruzilhadas e casas mal-assombradas, que havia lido em romances da escola antiga.

À porta do casebre se achava acororado um velho, que absorvido em suas meditações, e naturalmente embriagado pelas fortes emanações de um cachimbo, que lhe pendia da boca, não se apercebeu do recém-chegado, nem sequer ouviu os ladridos dos cães açulados pelo tropel do cavalo. Foi esta figura esquelética, verdadeiro espécime de feiticeiro de lenda, o primeiro objeto que se estampou aos olhos do filho de D. Genoveva.

Os cães continuaram a ladrar, e, com dificuldade, conseguiu o moço deles desvencilhar-se.

Nisto assomou à porta uma mulher, na catadura quase semelhante ao primeiro. Teria seus cinquenta anos; envolvia-lhe a cabeça uma touca; sobre os peitos engelhados e mal cobertos por um cabecão de madapolão caía-lhe um sem-número de bentinhas e patuás. Em seu semblante agitava-se a curiosidade.

Um cavaleiro àquelas horas por tais recantos era caso raro!

O pobre velho, despertando do letargo, assustado, precipitou-se cambaleando sobre o terreiro, e a voz da velha trovejou contendo os cachorros. Era ao tempo que Alfredo apeava-se e pedia-lhes agasalho.

— Louvado seja Cristo! — exclamou o ancião apanhando o cachimbo que o sono arrebatara-lhe dos lábios e aticando-lhe fogo. — Que milagreira é esta, que nos traz gente lá de outras bandas a estas horas por aqui?...

— Perdoe, homem de Deus — respondeu o rapaz, não pouco espantado pelas feições do personagem que o interpelava. Não há quem negue pousada a um pobre transviado, que ignora as entradas e saídas de um mato tão embastido como este.

A velha amarrara os cães insôfregos, e acercando-se do recém-chegado, agachou-se um pouco, pondo as mãos sobre os olhos, que se deslumbravam com a luz da fogueira.

— Não se me dá de afirmar — regogou ela, revistando Alfredo de alto a baixo com aquela curiosidade peculiar às mulheres, que

têm atingido certa idade; — não se me dá de afirmar que este moço seja de gente conhecida!

— Uau! — balbuciou o velho, soltando um desses silvos agudos que só indivíduos de raça indígena sabem produzir. Se esta mulher endiabrada tivera o segredo do quebranto, as sortes andariam por este mundo de meu Deus como sapos em invernada.

Seguiu-se o surdo resmonear do feiticeiro, que de novo sentou-se no batente da porta. Os beijos apinharam-se para despedir uma golfada do negro líquido, que lhe pejava a boca desdentada, e uma litania, para todos desconhecida, povoou o espaço. O velho talvez se recordava dos ritos e cantilenas dos seus antepassados, expelidos dali pela onda violenta da civilização.

Constrangia-se Alfredo com o triste espetáculo. Tudo ali lhe inspirava asco, e só a idéia de que porventura não encontraria naquela casa quem o uiasse à serra o fazia estremecer. As ferroadas dos insetos, que, não obstante o fogo, o perseguiram, convidaram-no a entrar.

— Benza-te Deus! — disse então a mulher. — Que formoso que é o seu rostinho! E tão moço ainda... Maria Santíssima!

A nada porém dava atenção Alfredo. Sair dali quanto antes era o seu maior desejo.

— Largue de mão tudo isso, mulher dos meus pecados — tornou ele, vendo que a velha alvoroçava a casa com preparos para uma refeição. — Dispensio o obséquio; o maior serviço que me pode fazer agora é dar-me uma pessoa que me ponha fora desta encruzilhada do inferno.

— Ai! valha-te Deus, meu carinha de menino Jesus! A estas horas! A estas horas!... Perdido! Vamos ver que o pobre moço está traspassado de fome...

A lenha estalou ao fogo, e a chama em pouco tempo ateou-se espalhando em torno um agradável aroma de café. Não obstante o susto, o cheiro do divino néctar de Voltaire tentou-o de tal maneira que Alfredo não teve outro remédio senão resignar-se, acalmar-se e esperar.

Foi então que pôde reparar na qualidade de espelunca em que se achava. Aquilo que a princípio lhe parecera o antro das feiticeiras de Macbeth, agora não passava de uma simples habitação de pobres lavradores. A própria velha, que o clarão da fogueira lhe representara sob formas fantásticas e terríveis, voltara às suas naturais proporções. Sob um teto de palha sustentado por paredes de taipa via-se uma rede de algodão, um caritó e uma arca de pinho tinta de verde, que eram todos os utensílios da casa. A um canto três enxadas e uma lazarina; em uma das frestas da parede a despontada faca do uso ordinário; sobre o frechal da porta do fundo o ginete, a véstia e as perneiras de couro, algumas calças de algodão enodoa-

das indicavam a ausência do principal personagem do tugúrio, que não podia ser por certo o velho decrépito que encontramos na soleira principal.

Para tudo isto olhou Alfredo surpreso, como quem naquele instante tivesse aberto os olhos.

A velha não demorou-se em apresentar-lhe a magnífica bebestimagem, cujo aroma delicioso invadiu-lhe os órgãos olfativos. Umas macaxeiras cozidas, e algumas espigas de milho assado, postas em uma escudela de barro, sob a forma mais provocante, vieram aguçá-lo o apetite. Sem dúvida o transviado de há pouco não pensava agora com tanta ansiedade em voltar ao teto materno.

A imaginação talvez já lhe segredava aos ouvidos uma aventura romanesca, e lhe representava por trás daquelas paredes carunchosas alguma face morena, uns olhos buliçosos, que, apenas se mostrassem, o cativariam de amor.

Mas longe disto, em lugar dessa rústica deidade, o som cavernoso de um peito robusto anunciou a chegada de um novo personagem.

Com esta súbita aparição recresceram os receios de Alfredo. E não era para menos, pois o indivíduo que assim entrava tinha um olhar feroz e aspecto turvo e sinistro.

— Some-te, feiticeiro infame! — bradou ele, seguindo com a vista o ancião, que internava-se vagarosamente pelo mato. — Pragas só tens para mim, velho morcego! E eu para ti, ainda um dia, esta unha do Padre Eterno, que não erra!...

XIII / CONFIDÊNCIAS

ALFREDO tinha-se erguido assustado pelas palavras que acabava de ouvir.

— É o João —, murmurou a velha, notando-lhe o receio. — Não tenha medo! é meu filho...

Envergonhando-se do movimento que lhe traíra a inquietação, o rapaz ergueu os olhos para o curiboca, que se adiantara até o meio da sala, onde deixou cair alguns instrumentos de lavoura umedecidos pelo suor.

— Quem é? — rosnou este, encarando o moço, que ficara lívido, reconhecendo João do Camocim.

— É amigo, respondeu-lhe a mãe. Anda perdido; e quer agora que lhe ensinem o caminho.

Toldado pela cachaça, o curiboca desconheceu-o.

— Tenho uma fome e sede de mil demônios! — disse ele sem dar atenção às palavras da mãe. — Diabos levem esta vida de pobre, que brocar e encoivarar roçados não é coisa que bote ninguém para diante!

O braço caindo sobre a mesa violentamente por um instante fez erguer-se a fralda da camisa, deixando ver uma imensa faca, cujo cabo ensangüentado manchava todo o quarto. Alfredo estremeceu.

Calcule-se qual não foi a sua situação, quando João do Camocim, acaso despertado por súbito pensamento, vibrou-lhe um destes olhares, cuja expressão não tem equivalente em língua humana. Felizmente, a pouca claridade e as névoas da embriaguez recalçaram a lembrança que bruxuleava, e aos tombos, o selvagem recolheu-se ao interior da casa.

Passado algum tempo em completo silêncio, a velha, como escutando alguma coisa, levantou-se de onde estava, e seguiu o filho.

Alfredo continuava petrificado; a faca ensangüentada não lhe saía da lembrança. Pensava em fugir; mas onde se acoitaria ele àquelas horas, ignorando o lugar onde se achava, e arriscando-se a cada passo a precipitar-se em alguma gruta?

Um sussurro contínuo, partindo de um quarto contíguo, despertara-lhe entretanto a atenção. Aplicou o ouvido, e, sopeando as palpitações do coração, escutou. Eram vozes de pessoas que conversavam à puridade. Não lhe foi difícil descobrir que um dos indivíduos que conversavam era o curiboca; o outro, porém, quem seria? Se o não tinha visto ao deitar-se, de onde saíra? o que faria ele, senão tramar com o perverso algum crime nefando?

A inquietação aumentava-se-lhe gradualmente, e, não podendo mais conter-se, levantou-se de mansinho, e encostou-se à taipa para espreitar o que se passava do outro lado.

Um cão rosnou e as vozes sopitaram-se; mas, voltando o sossego, continuou o burburinho. Alfredo conseguira por uma fresta lobrigar dois vultos, que, iluminados pelo tênue clarão de uma mísera candeia, gesticulavam descompassadamente.

Era com efeito João do Camocim. Em seu semblante satânico desenhavam-se a vingança, o furor e as mais desordenadas paixões. O outro não passava de um destes enfezados frutos do gênio do mal, raquíticos, opilados, não destituídos absolutamente de coragem, aptos sempre para traiçoeiros golpes e assassinatos por dinheiro.

— Bem m'ó dizia o caboclo velho do Pitaguari! — resmungava o primeiro com essa voz que é peculiar aos ébrios. — Não se lembra você, Zé Magro, do que, haverá aqui seus oito meses, lhe contei sobre a sorte que o patife me lançou?

O outro interlocutor contentou-se em encolher os ombros.

— Era seguramente pelas primeiras águas de janeiro, quando indo eu para as bandas de Santo Antônio do Buraco, encontrei o

Tatu. Achei-o debaixo de uma palhoça, dentro do mato cerrado, coberto de bichos, quase morre não morre. O feiticeiro revolveu-se, assim que me viu sobre as folhas secas, que lhe faziam a cama, e atirou-me uns olhos de cururu, que me foram dentro d'alma. Ninguém duvide do meu valor; mas, neste tanto, confesso, tremi do velho bruxo.

Um riso significativo esvoaçou pelo semblante amarelento desse sujeito a quem o faquista dava o nome de Zé Magro. O curiboca rangeu os dentes de raiva, e, em um assomo que quase ia sendo fatal ao companheiro, cravou a faca na mesa. O outro não tugi nem mugiu.

João do Camocim calcou os cotovelos sobre a tábua, e prosseguiu, com a voz arrastada, em sua história. — O velho Tatu não sei por que se inquizilara comigo. Nunca lhe procurei maldades, nem o desassosseguei nos seus feitiços. O caso foi que, levantando-se desta vez contra mim com os beijos respingando o veneno das cascavéis com que vive, encheu-me de pragas como nunca ouvi outras de diabo algum do meu tope.

— Maria de certo lhe tinha falado — interrompeu neste ponto Zé Magro — nos teus apegos com a Luizinha, ela quer ver tudo, o diabo mesmo, menos a Germana do Papara.

— Não sei — tornou João; — o que é certo é que o tal velho disse nesse dia desaforos, que nunca o filho de minha mãe ouviu sem espigar o sujeito. Ah! outro!... nem tempo lhe sobejava para tossir!

— O direito é que você não soube espigar o Tatu.

— Ainda estou hoje esperando que me digam o que foi que me tomou naquele instante. Vi sangue diante dos olhos e faltou-me o prumo; o feitiço tinha pegado o fama. Ai! que me não valeu de coisa alguma esta lambe-tripas de uma figa...

Os olhos do facínora, a despeito da influência do álcool, coruscavam de um modo singular.

— Eu havia sonhado que a Luíza me desprezaria. Não sei o que me passou depois pela cabeça quando acordei; aquele sonho havia trazido a morte à minha alma... A filha do Papara ninguém me tira!... De Deus venha o remédio... O velho parece que adivinhava que o sangue fervilhava-me cá por dentro como uma ninhada de cobras. A Luizinha era a vida da minha vida; por ela eu seria bom, Zé Magro, eu deixaria de ser mau um dia; mas o demônio do Tatu tem-me envenenado o coração com as suas palavras malditas, e hoje parece que a minha vida não tem outro fim senão matar.

— Por que não dizes, João, que antes isto é do teu gênio, do que feitiçarias de caboclo?

— Se não fossem as suas pragas teria eu tido o encontro que tive com o desgraçado Manuel? Se não fosse a caipora que me persegue, aquele infame tocador de violas ter-se-ia vindo meter em meus amores? Ah! demônios! ainda hoje me recordo dos azedumes por que passei em casa de Papara! A Luíza não o deixava de olhar; ele tocava, e era todo ternuras e repinichados... Como os bofes não me estouraram? e por que logo aí não aviei o malvado que assassinava minha alma?...

— Parece que estás arrependido? Ora, coragem, homem, que o que está feito não está por fazer. Dele pelo menos não terás mais de que te queixar.

O curiboca levantou-se cambaleando.

— Sabes então? — disse, medindo o companheiro de alto a baixo.

— Nada sei; mas calculava que já o tivesses feito, bem assim como penso que também máquinas dar cabo do tal mocinho da serra, que te anda na batida.

— Ah! — tornou João com uma risada alvar. — Ah! Não bulas na ferida, que ainda bota sangue. Aí é que está a minha desgraça. A amizade do Papara nunca deixarei; ou feliz com a Luíza ou desgraçado com a terra inteira! Ah! miserável Tatu, tu não sabes que cascavel assanhaste no fundo deste coração! Fizeste-me já morder ao primeiro...

E o curiboca fez ranger os dentes, como um cão atacado de raiva. Depois ergueu-se, e tomou para o fundo da casa, acompanhado do confidente. Aí continuaram eles em uma conversa surda, de que Alfredo, trêmulo e confuso, não pôde sequer apanhar uma palavra.

Os dois não se demoraram fora muito tempo: e voltaram altercando. Pelos modos, parecia que Zé Magro exigia de Camocim alguma coisa a que este, irritado, se negava. Um riso de escárneo provocador povoava o semblante do assassino.

Contrariado, o companheiro procurava um meio de coagi-lo, e, como não o achasse por fim, fazendo um supremo esforço disse-lhe:

— Falas assim, João, porque não pensas no mal que te posso fazer! As justiças de Maranguape estão aí!¹⁵

Foi isto quanto bastou para transbordar a bília do curiboca. O sangue subiu-lhe ao cérebro: não viu mais nada diante de si, e levantou a mão sobre o mulato, que lhe incitava os brios. Zé Magro soltou um berro e caiu; quando ergueu-se estava com o rosto coberto de sangue. A bofetada tinha-lhe batido em cheio sobre a face.

¹⁵ A trama romanesca ocorre no alto da serra da Aratanha, um dos cabeços que confronta com outra elevação do mesmo maciço — a de Maranguape, a cujo sopé descansa a cidade do mesmo nome, da qual, em moço, o autor foi juiz de Direito.

XIV / ENTRANHAS DE FERA

O CASEBRE DE JOÃO DO CAMOCIM ficava no sopé da montanha.

Esses sítios completamente abruptos, longe dos povoados, e afastados da estrada, não ofereciam ao transeunte senão ínvias veredas criçadas de pedregulhos e espinheiros embastidíssimos, por onde a custo conseguiria passar o arrojado caçador.

O gênio de João obrigava-o a procurar uma moradia escondida dos homens. O único vizinho que o freqüentava ordinariamente, era o velho estático e meditabundo, que encontramos em profética atitude à porta da mansarda. Às vezes também, à noite e fora de horas, furtivamente apareciam por aí os seus companheiros de alcatéia, cuja existência a própria mãe não suspeitava.

Desta habitação de verdadeiros morcegos pouco ou quase nada se descobria das aprazíveis vargens, que se estendem entre as duas serras. Os únicos objetos que os olhos do espectador conseguiam descortinar eram o dorso verde-negro das montanhas de Maranguape e o Alto de Santo Antônio, onde alvejava a poética igreja, legendava-se uma vereda, quase oculta pelo mato, pela qual fazia o feiticeiro escuras grotas, cercadas pela floresta misteriosa, de onde rompiam uma vez por outra sinistros rumores, que os visionários da vizinhança interpretavam por gemidos de almas penadas ou branidos do inferno. O lugar era por todos olhado de revés.

Justamente deste sítio, em direção aos fundos do casebre, estendia-se uma vereda, quase oculta pelo mato, pela qual fazia o feiticeiro seu trânsito ordinário. Daí, tomando pelos tombadores da serra, e desviando por entre as locas e carrascos, seguia uma boa meia légua até embeijar na estrada onde se transviara o filho de D. Genoveva.

É por esta vereda que nos transportaremos agora, antecipando-nos um pouco aos acontecimentos, que acabamos de narrar.

Era ao cair da noite.

Um homem rude na figura atravessava o mato, e cauteloso aproximava-se do encruzamento da vereda com a estrada. Empunhando o seu afiado espinho, ao menor movimento, que se produzia na folhagem, lançava um olhar inquieto em torno de si. Ao chegar na orla do matagal distanciou-se um pouco para logo ocultar-se entre as altas ervas que abeiravam o caminho.

O leitor já terá compreendido que uma tocaia se preparava.

O silêncio que reinava era apenas interrompido pelo ciciar dos insetos; dir-se-ia que a própria natureza cobria-se de luto pelos hediondos pensamentos que revolviam-se no cérebro do assassino.

Um silvo agudo rompeu o espaço, e um vulto apontou ao mesmo tempo na volta do caminho. Ouvindo o grito sinistro, quem quer

que por ali vinha, como que tomado por um repentino pressentimento, hesitou, olhando para todos os lados. A morte esvoaçava pela verde-negra coima das árvores, um ar frio, que transia, parecia anunciar o repouso dos sepulcros.

Ao frouxo clarão das estrelas mostrou-se um rapaz esbelto, de fisionomia franca e busto alentado pelos labores campestres. Do lado pendia-lhe um objeto, que ao primeiro relance julgar-se-ia um saco de viagem; mas em realidade não era outra coisa, senão a viola, que por nossos sertões tantas e tantas desgraças tem ocasionado na efervescência dos sambas.

Havia nas proximidades do sítio, para onde se tinha escondido o celerado, um montículo anteparado por uma rocha, que oferecia aos olhos desprevenidos a aparência de um reduto feito pela natureza. O desconhecido, pressentindo algum perigo, para aí dirigia-se rapidamente; encostou a banza,¹⁶ e, metendo a mão no cóis da calça, sacou uma lâmina acerada, que brilhou ao tênue clarão do céu. Fosse quem fosse, o transeunte esperava o golpe traiçoeiro. Nesta atitude conservou-se por alguns minutos; e, como o inimigo custasse a apresentar-se, introduziu os dedos na boca e soltou um grito atroador.

Moveu-se o arvoredor vizinho; e o curiboca avançou.

— João! — bradou o outro, empunhando de novo a faca. — Santo Antônio me proteja!

E os ferros se encontraram.

O agredido, além de ser vigoroso, era, na frase dos compadres do lugar, um fama de respeito e um cabra topetudo.

— Pagas-me! — acudia João, cujo semblante transluzia o furor em seu auge. — Urucará¹⁷ sem brio e sem valor, miserável assassino de minha alma, restitui-me os risos que tomaste a Luizinha, ou bebo todo o sangue que tens nas veias.

A luta travou-se braço a braço, corpo a corpo. Semelhantes a dois tigres esfaimados, que disputassem entre si o débil garapu,¹⁸ assim acometeram-se os terríveis adversários, com os olhos em sangue e a boca pejada de blasfêmias. Por dois minutos durou este jogo infernal em que os lutadores procuravam experimentar as forças e a coragem. Calaram-se e o silêncio reinou por alguns

¹⁶ Nome que, por influência africana, dava-se no Nordeste, à viola, com base na grosseira guitarra africana — *mbanza*.

¹⁷ *Urucará*, no texto, tem o sentido evidente de *urucaca*, que, em tupi, significa *bruxo*.

¹⁸ *Garapu* (ou *guarapu*) em tupi significa *veado-roxo*. Note-se, no romancista, a preocupação de pôr no linguajar do sertanejo o substrato tupi da miscigenação colonial.

instantes, durante os quais só se ouvia o arfar continuado dos dois peitos indomáveis. Estava, enfim, começada a pugna, donde só um dos contendores deveria sair com vida.

João do Camocim era um atleta, que nada invejaria aos gladiadores antigos; seus braços musculosos, como duas serpentes raivosas, tinham-se enredado pelo tronco do destemido tocador de viola; curvado sobre o antagonista, e entesando as pernas, obrigava-o a circular como o touro sob as garras do jaguar. Nestas condições, aquele que perdesse o equilíbrio estava morto. Nestes terríveis vaivéns, contudo, ora a sorte favorecia ao curiboca, ora a seu impávido rival.

Percorrendo um grande circuito, qual tentando levar o adversário de encontro ao tronco de uma árvore, qual buscando arrastar de costas o companheiro a uma depressão do solo, oride falseasse o corpo e desse-lhe a vitória, por fim vieram ambos a achar-se junto do montículo. Não fora este movimento, porém, filho do acaso como do próprio esforço do curiboca. Lobrigando a pedra, rápido pensamento lhe acudira à mente; juntando, pois, todas as suas forças, cravou o queixo sobre a clavícula do outro, e levou-o de rojo sobre aquele fragmento de rochedo com tanta felicidade que os pés do tocador de viola falsearam e um grito de desespero fendeu os ares. As pernas vergavam subitamente, e seu corpo exangue rolou pelo chão. O golpe tinha sido certo, e a mão traiçoeira mergulhara-se até as entranhas da vítima.

O curiboca levantou-se então com um sorriso de satisfação.

O que depois se passou não há palavras no vocabulário humano que possam exprimir. João do Camocim apertou nos dedos a sua amiga do Pasmado e caiu sobre o cadáver, tomado de uma alucinação sem nome, só comparável ao furor carniceiro da hiena. Inclinando-se sobre os restos inanimados da vítima — profanação horrível! — não houve casta de infâmias que a fera não praticasse. Dilacerou a face do infeliz, enterrou o ferro homicida nas vísceras e, arrancando-as, não recuou diante da impiedade de trincar esse coração, que nos sambas enchera por tantas vezes seus companheiros de alegria.

Tendo assim dado pasto a sua sanha, o tigre humano levantou-se com a baba sangrenta, a escorrer-lhe da boca, pisou sobre a face da vítima, e com um gesto de desprezo empurrou o cadáver para longe de si. Neste momento, porém, como que de súbito o celerado encheu-se de pavor. Parecera-lhe ter ouvido um gemido; volveu-se para o corpo inerte, e, ou seus olhos enganavam-se, ou o rosto macerado do assassinado contraía-se como se ainda estivesse vivo. A despeito do endurecimento de sua alma, os cabelos se lhe eriçaram, e a voz quase se lhe embargou na garganta.

— Socorro! — gritou ele fazendo um grande esforço para arrancar das faces aquela palavra de angústia.

A superstição se apoderava do desgraçado a quem naquele instante só respondiam as florestas, onde se perdiam entre rumores inextinguíveis os pios lúgubres das aves noturnas.

Sem desprender os olhos do cadáver, que dir-se-ia erguera-se da terra para vingar o ultraje, foi o perverso afastando-se, até que perdeu-o de vista; respirando então, e ainda acobardado, correu para ver se assim livrava-se da terrível obsessão.

A poucos passos daí apareceu-lhe uma figura. Era Zé Magro. O mulato presenciara tudo, e, conhecendo o estado do espírito do curiboca, não receou lançar-lhe em rosto a fraqueza.

Reanimado pela presença deste amigo não tardou em cair em si; revoltado contra a sua pusilanimidade, soltou uma blasfêmia.

— Agora nem Deus!

Dali tomaram ambos pela vereda, de que já falamos. Logo adiante havia um córrego, em que o facínora lavou as mãos. Essa veia d'água atravessava um roçado que ele estava brocando junto ao caminho; lembrando-se que aí tinha uma camisa de serviço, foi buscá-la, vestiu-a, e, abrindo um buraco, fez desaparecer a que trazia.

Travando depois dos instrumentos de lavoura que aí deixava para melhor justificar a sua tardança, despediu-se do camarada na orla do mato, e dirigiu-se para casa.

Zé Magro admirado de que o faquista, depois de um atentado como aquele, se houvesse separado dele deixando-o senhor de um segredo, esteve por algum tempo irresoluto sem afastar-se do lugar.

— O cabra está embriagado — pensou o mulato — e por isso não deu peso à minha presença. Supõe talvez, na confusão em que se acha, que ignoro tudo. Coitado! Mas não serei eu que deixe de aproveitar a ocasião; é o que havemos de ver.

E, ruminando a idéia que de súbito acudira-lhe, encaminhou-se para o albergue de Camocim, que a este tempo tinha entrado.

Como estará o leitor lembrado, o curiboca, atravessando o aposento em que estava Alfredo, procurou os fundos da casa. Não foi sem surpresa que aí encontrou Zé Magro, que o espreitava. Suas palavras também não revelaram enfado; chamou-o para dentro, e, sentando-se com ele a uma mesa, começaram ambos a beber.

— Quero falar-te de minha vida — disse João com uma voz arrastada.

Já dissemos como Alfredo surpreendera parte da conversa cujo seguimento fora interrompido com a saída dos dois. Resta-nos explicar o que se passara entre eles e levara o curiboca a esbofetear o amigo.

— Mas enfim, João — dissera Zé Magro — não nos importando com as **quizílias** do Tatu, o que me **obrigou** a voltar aqui foi pedir-te algum dinheiro. Deves-me, e é ocasião de pagares-me.

João nunca tivera **dívidas** com o mulato; mal compreendendo o sentido de suas palavras, olhou espantado para ele interrogando-o com o cenho.

— Pagar-te? — disse como buscando arrancar alguma coisa da memória amortecida. — Não comprei-te nada: nunca trabalhaste por conta minha! De onde veio-te a lembrança? Quem de nós estará mais tonto?

— Eu, por certo que não. Puxa um pouco pela cachola que te hás de lembrar de alguma coisa. Não estamos em tempo em que se trabalhe de graça e, se te acompanhei até o córrego e ajudei-te a abrir covas para enterrar não sei que semente proibida, não foi para voltar com as mãos abanando.

O mulato aludia à camisa ensangüentada que ficara sepultada no roçado.

Não obstante repetidas reticências, João do Camocim não entendeu.

Persuadira-se aquele que com um simples toque, no seu aturdimento, o curiboca aceitasse a reclamação antes de pensar num meio mais expedito de forçá-lo a engolir o segredo. Mas a embriaguez não favoreceu-lhe o plano; João pouco a pouco se foi irritando, e tarde Zé Magro arrependeu-se de sua temeridade. Ligeiro, porém, como um gato, não aguardou que o facínora repetisse o insulto, e, jurando em segredo vingar-se, ganhou o mato.

XV / O TATU

ALFREDO, ENTRETANTO, abrindo a porta sorrateiramente, precipitou-se no terreiro. Apenas os cães pressentiram a saída, levantaram o alarido.

A situação não podia ser mais aflitiva, principalmente para uma pessoa que como ele não fora criado para noturnas aventuras. Contudo, ou porque o medo lhe fosse abrindo passagem, ou porque alguma luz sobrenatural naquela ocasião o socorresse, o caso foi que não se meteu muito tempo sem que o transviado se achasse em uma aberta, de onde lhe seria fácil orientar-se.

À direita via-se um pequeno outeiro onde se avistava um ponto branco, uma construção; era a igrejinha de Santo Antônio do Buraco.

À esquerda abria-se em declive um caminho, que ia perder-se entre o mato escuro.

Alfredo estacou indeciso, conjecturando sobre qual seria o melhor alvitre, se seguir pelo carreiro que a sorte lhe fazia deparar, se romper o matagal até chegar à ermida, onde encontraria abrigo certo.

Nisto ladraram-lhe à retaguarda os cães que vinham-lhe na pista. Não havia tempo a perder. Atirou-se ao acaso, sem saber para onde o conduzia o destino naquela noite aziaga, e já encomendava a alma a Deus, quando o ruído produzido pelas águas, que se precipitavam de um rochedo, veio reanimá-lo por instantes.

Tal é o horror que temos ao completo silêncio, que nestas angustiosas ocasiões, basta o aflar da copa do arvoredor, ou o crepitar da linfa por entre as conchas e pedrinhas para alentar-nos o coração oprimido. Razão teriam talvez os antigos gregos em povoarem os seus bosques e as suas fontes de silfos, ninfas e amadriades, divindades que lhes alegravam a existência; ao menos, acreditando nunca estarem sós, baniam para sempre de si esses vagos terrores, que ao viajante perdido tanto inspiravam as florestas negras e tristonhas do Novo Mundo.

Uma pequena cascata, formada por um fio d'água originado nas faldas da Aratanha, saltando de pedra em pedra, vinha estortegar-se na planície. Uma atmosfera inebriante se respirava ali; e, se bem que a hora, só de terrores, não se prestasse a romances ou idílios, contudo Alfredo experimentou um bem-estar indizível. Sentou-se em uma pedra e respirou a bom respirar; o ar fresco e saturado dos perfumes, que se exalavam das flores e dos arbustos próximos, penetrando-lhe nos poros, comunicaram-lhe uma sensação agradabilíssima.

Felizmente os cães tinham-lhe perdido a pista, seus ladridos agora apenas ouviam-se ao longe como o salmodiar dos judeus na sinagoga.

Não se passaram entretanto muitos minutos sem que novo incidente viesse perturbar-lhe a calma, que a amenidade do sítio fazia-lhe aos poucos entrar no coração. Um guincho singular feriu-lhe os ouvidos, e obrigou-o a erguer-se; ao mesmo tempo viu adiantar-se um vulto, que a princípio lhe parecera de uma grandeza descomunal.

Era o velho Tatu. O feiticeiro vagava como uma ave noturna à cata de fortuna. Aproximando-se, soltou um esconjuro, que fez o rapaz estremecer até a medula dos ossos.

— Huau! Vem, meu filho — regougou o velho. — Vem, que o caipora não anda longe, e, se hoje o encontrares, aí do coração da serana!

Ouvindo estas misteriosas palavras, novos receios se apoderaram do filho de D. Genoveva. Como um autômato, não obstante, seguiu o velho, que, curvado e sem dar uma palavra, foi subindo pela veia do ribeiro. Ora abeirando o corrente, ora tomando por entre

as moitas que o orlavam, andaram os dois como sombras perdidas por espaço de mais de uma hora, até que, afinal, o feiticeiro parou e começou a olhar para as estrelas, cujos raios penetravam a custo por entre as folhas. Alfredo, perplexo, julgando-se vítima de um sonho, contemplava tudo isto sem ousar fazer uma pergunta.

Ambos haviam parado em uma clareira, cercada de frondosas árvores. O chão, alastrado de ossos humanos e vários potes de barro com grandes tampas de madeira que os fechavam hermeticamente, indicava ter ali existido outrora o cemitério de alguma tribo de selvagens.

No fundo da clareira aparecia a entrada de uma gruta formada por dois rochedos sobrepostos e minados pelas águas do regato, que desprendia-se de terrenos superiores.

Arrancando das faces um grasnido semelhante ao da coruja, o Tatu chegou-se para a entrada do delubro.¹⁹ Ao lado elevava-se uma imensa palmeira. Soprada pelos ventos, neste momento seus leques pareceram animar-se, e, revolvendo-se em todos os sentidos, deram um somido semelhante ao chocalhar de cascavéis. Os primeiros raios da lua, que então elevava-se no horizonte, batendo de chapa, prateavam o tope da elegante rainha do reino vegetal. O velho aproximou-se do tronco e deu três pancadas, que ressoaram como se fossem uma lâmina de bronze. A copa da palmeira moveu-se com mais violência, e um corpo imenso e lúcido resvalou por entre as folhas e sutilmente foi descendo pela haste.

Alfredo reconheceu uma jibóia.

A serpente desceu, desceu, e afinal, distendendo-se como um desmesurado cipó, veio enrolar-se aos pés do feiticeiro, que começou a afagá-la como a uma criança.

O espanto no rapaz à vista desta cena redobrou-se.

XVI / A LENDA DE SANTO ANTÔNIO DO BURACO²⁰

O sítio que o velho Tatu escolhera para sua locanda era o mais apropriado que se poderia imaginar aos seus fins.

O Pitaguari, principalmente no tempo em que se passavam as cenas que agora descrevemos, bem longe estava de apresentar aos

¹⁹ Palavra erudita. Sinônimo de templo pagão.

²⁰ Hoje em dia, a região que dá título ao capítulo tem a denominação de Santo Antônio do Pitaguari, pertence ao município de Maranguape e, graças às condições especialmente férteis de suas terras, lá está, há muito instalado, um campo experimental agrícola.